

CORREIO REAL 31

Boletim da Causa Real produzido pela Real Associação de Lisboa

JUNHO 2025



**Dom
Duarte de Bragança**
Uma vida a servir
os portugueses

Caderno Especial



Uma celebração de vida



ENTREVISTA

Nuno Pombo

"O Duque de Bragança dedicou a sua vida à construção dessa grande comunidade lusíada, que não se reduz aos Estados de língua portuguesa. Podemos bem imaginar o que se alcançaria com o poder agregador da Coroa Portuguesa."



CAUSA REAL
UM POVO, UMA PÁTRIA, UM REI

Neste número em que se assinalam as efemérides festejadas recentemente pela nossa querida Família Real temos o dever de realçar as boas notícias no campo monárquico. Acontece que, aos dias de hoje, podemos congratular-nos com a quase completa extinção, de morte natural, do velho jacobinismo republicano. O jacobino revolucionário à francesa, que deu expressão ao “politicamente correcto” do século XX português, tornou-se irrelevante. Bem sabemos que, enquanto vão desaparecendo os últimos exemplares dessa gente maldisposta e ressentida, minoritária, mas ruidosa, que por tanto tempo dominou o espaço público nacional, uma nova variante do vírus vai desabrochando com outros sintomas igualmente perversos. O seu ódio corrosivo já não é dedicado ao rei, mas à identidade portuguesa – Agora somos mais os visados, assim nos saibamos defender.

Mas é esse radicalismo moribundo que explica como foram duros os desafios travados durante décadas pelo Senhor Dom Duarte na afirmação das suas causas. Explica porque esses herdeiros de Afonso Costa resistiram de forma tão obstinada e mesquinha a agradecer ao Duque de Bragança os seus esforços precoces, continuados e persistentes para a independência de Timor em 2002. O Povo de Timor, ele mesmo, tratou de saldar essas contas, como sabemos.

Curioso foi o testemunho que ouvi dum jovem angolano condutor de Uber, cuja nacionalidade era denunciada pela emissora de Luanda que o mostrador do rádio exibia. Para fazer um pouco de conversa, perguntei-lhe se era natural da capital de Angola, ao que o rapaz me respondeu que não, que era oriundo de Cabinda. Então, aproveitando a atenção

do seu interlocutor, desabafou com espontaneidade a sua genuína preocupação com os problemas deste riquíssimo enclave, a opressão do seu povo que anseia por outra atenção do governo central. Com um discurso estruturado na descrição desse sensível imbróglia político, foi com surpresa que o ouvi tecer rasgados elogios ao Duque de Bragança, pela sua independente e corajosa posição a respeito do diferendo.

De facto, longe dos holofotes e sem reclamar reconhecimento, o Senhor Dom Duarte, além das estradas e caminhos de Portugal, que conhece como poucos, há décadas que percorre os territórios e visita as mais recônditas comunidades da lusofonia onde é acarinhado e muito respeitado, sempre a construir pontes e a semear laços de paz.

A outra boa notícia que gostava de assinalar nestas linhas é a consolidação institucional da Casa Real portuguesa e o crescente estreitar da sua relação com os portugueses. A solidez de uma instituição serve para defendê-la das contingências e circunstâncias imponderáveis, é garantia de futuro. Esta consolidação tem, nos últimos trinta anos, nomes e caras: os Duques de Bragança, Dona Isabel e Dom Duarte.

Muito Obrigado!

João Távora

Director e presidente da Direcção da Real Associação de Lisboa



O CORREIO REAL É O BOLETIM MONÁRQUICO
DA CAUSA REAL PRODUZIDO
PELA REAL ASSOCIAÇÃO DE LISBOA

Praça Luís de Camões, 46, 2.º Dto.
1200-243 Lisboa

Atendimento de segunda a sexta-feira,
das 14 às 17 horas

Telef: [+351] 21 342 8115/21 342 9702

Email: secretariado@reallisboa.pt

Todos os números do boletim em pdf em:
www.reallisboa.pt

Real Associação de Lisboa



CORREIO REAL

Direcção e coordenação: João Távora

Redacção: Alberto Miranda, João Vacas,
António Pinheiro Marques, João Távora,
Carlota Cambournac (revisão final)

Design e edição: Ana Olivença

Direcção de Fotografia: Nuno de Albuquerque

Produção: Sinapse Media

Impressão: Nova Gráfica do Cartaxo

1800 exemplares

Isenta de Inscrição na ERC ao abrigo do
Decreto Regulamentar 8/99 de 9 de Junho,
artigo 12º, nº1, alínea a)



Nuno Pombo
Presidente da Direcção
Nacional da Causa Real



Este é o primeiro editorial que escrevo para o Correio Real.

Faço-o na qualidade de novo Presidente da Direcção da Causa Real. Começo por agradecer a dedicação e entrega da Direcção cessante, assumindo o compromisso de procurar levar as nossas causas ao maior número de pessoas possível.

Por vezes é útil rememorar o óbvio. Em primeiro lugar, convém não perder de vista que a Causa Real é uma associação. Uma instituição formada por um grupo de pessoas que se unem, no caso através das Reais Associações e da Juventude Monárquica, com o objectivo de alcançar um fim comum. A Causa Real é, pois, o conjunto das pessoas que lhe dão substrato humano. Nessa medida, a Causa Real será o que os seus associados quiserem que ela seja. A Direcção não é, como o não é nenhum dos demais órgãos sociais, dona do Movimento. É apenas o órgão de condução política e de gestão executiva da Causa Real e estará focada em prosseguir o rumo que foi traçado pelo último Congresso.

Em segundo lugar, assumamos todos a Missão de que nos falam os nossos Estatutos. Também nós somos chamados a dar testemunho, a partilhar com os portugueses, não apenas a bondade do ideal monárquico, mas a sua utilidade para o país. Uma utilidade que não se mede por uma lógica de mercearia. Por um critério pecuniário. Nós acreditamos na bondade e na utilidade da Instituição Real e temos de dar testemunho disso.

Nem toda a semente que lançarmos à terra cairá em terreno fértil, mas a verdade é que nenhuma

frutificará se nos abstermos de ser semeadores. Temos de ser missionários, arautos de uma mensagem política, cada vez mais necessária, mais urgente, para o nosso país. Entregamo-nos a esta missão sem tacticismos pessoais ancorados em juízos de probabilidade. Não somos monárquicos porque achamos que vamos instaurar a Monarquia. Somos monárquicos porque acreditamos na Instituição Real e por estarmos convencidos de que Portugal precisa de um rei. Do seu Rei. Do Rei dos Portugueses!

Nós somos monárquicos, aqui e agora. Sabemos que as mais gloriosas páginas da nossa história foram escritas à sombra do pavilhão real. Mas não são as memórias do passado que nos guiam. Não é o regresso ao passado que nos convoca.

Os tempos que nos foram dados viver são os do presente. O futuro começa hoje. E a Instituição Real serve, ontem, hoje e sempre, os interesses perenes da nação portuguesa.

Não enjeitamos a herança dos nossos avós, mas devemos procurar que os nossos netos herdem uma obra que é também nossa. Não repudiamos a herança, como disse, e por isso, orgulhamo-nos dela e inspiramo-nos naquele que, hoje, encarna a comunidade política que fala, sonha e reza em português nos quatro cantos da terra.

O Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança, é um exemplo de serviço a Portugal e aos Portugueses. É, na inspirada síntese do poeta, a pátria com figura humana. Enquanto o Rei for livre, livres seremos nós também! Ele é o penhor da nossa liberdade, é Portugal tornado corpo e alma. Não podia ser mais adequado o lema da Causa Real. Somos mesmo uma comunidade de um Povo, uma Pátria e um Rei!

Nem toda a semente que lançarmos à terra cairá em terreno fértil, mas a verdade é que nenhuma frutificará se nos abstermos de ser semeadores.

31 ÍNDICE

4 OPINIÃO E DEBATE

- . Pelo bem de Portugal | João Vacas
- . 80 anos de vida, de representação da casa de bragança, ao serviço de Portugal
- | Manuel Braga da Cruz

6 ENTREVISTA

- . Nuno Pombo | Coordenada por João Távora

12 DOSSIER

- . As filhas do Rei Dom Miguel – Uma crónica à volta de um quadro a óleo
- | António Pinheiro Marques

16 ESPECIAL CELEBRAÇÕES

- . Textos | Alberto Miranda
- . Fotografias | Nuno de Albuquerque

49 NOTICIÁRIO

58 BIBLIOTECA - por Vasco Rosa

- . A Revolução Liberal, um «Portugal Novo»

Pelo bem de Portugal

JOÃO VACAS

Há oitenta anos, Sua Alteza Real o Senhor Dom Duarte Nuno, Duque de Bragança, comunicou aos portugueses o nascimento do seu primeiro filho. Nessa mensagem, lúcida e belíssima, o então Chefe da Casa Real ofereceu a vida do Príncipe da Beira recém-nascido ao bem de Portugal, sublinhando que o fazia com o mesmo fervor com que lhe consagrara a sua.

Passadas oito décadas, é justo reconhecer que a oferta do Pai foi integralmente respeitada e cumprida pelo Filho: a vida do Senhor Dom Duarte Pio é um testemunho quotidiano de dádiva pessoal e da continuidade e imutabilidade do serviço da Casa Real ao povo português.

Num tempo em que as promessas nem sempre duram o tempo que demoram a secar no papel que as consigna e em que as palavras e os conceitos têm o significado que mais convenha, nem que para isso tenham de ser distorcidos ao ponto de se tornarem irreconhecíveis, a fidelidade à “herança de deveres imprescritíveis” que recai sobre a Família e a Casa de Bragança e o coração entregue a Portugal norteiam aquele que é hoje o Primeiro dos Portugueses porque é, também, o primeiro e o mais constante dos seus servidores.

Os protagonistas político-partidários passam, as composições parlamentares alteram-se e as Chefias de Estado republicanas reincidem na frustração que transmitem a quem procura nelas aquilo que nunca poderá encontrar. Ao lado e, por que não dizê-lo, acima, persiste outra legitimidade e outra autoridade, assente na dedicação ao país e às suas gentes e na atenção e afeição por todo o mundo tocado pelos portugueses, corporizada pelo Duque de Bragança.

Quando parte da diplomacia internacional dava a causa timorense por perdida e tomava-a por obstinação inconsequente, houve quem não tivesse desistido dela.

Quando, no auge da expansão económica, se gastou sem freio nem critério, houve quem recordasse a importância moral e cívica da contenção e da frugalidade.

Enquanto prevaleceu uma visão meramente extractora da natureza, houve quem alertasse para a necessidade de zelar por ela, através de uma visão da ecologia que não menosprezasse a importância de proteger o que nos rodeia, mas que também não esquecesse a dignidade intrínseca, única e irrepetível de cada pessoa aberta ao transcendente.

Durante o tempo em que as migrações e a natalidade permaneceram temas distantes para as opiniões pública e publicada, houve quem chamasse repetidamente a atenção para as duas questões e procurasse que fossem debatidas com seriedade e que o importante não cedesse ao urgente.

Com ciclos políticos longos ou curtos, melhores ou piores resultados sociais ou económicos, e com a atenção mediática crescentemente ocupada pelo trivial e pelo efémero, há quem não prescindia de pensar e viver Portugal como um contínuo histórico, uma comunidade de partida, de destino e de sonho, e de se empenhar na sementeira do seu futuro.

À medida que os portugueses mais se amontoam no litoral e algum país político se desinteressa do Portugal que ainda resiste lá longe, há quem esteja com os portugueses, onde quer que estes se encontrem, dando a todos o mesmo afecto, a mesma cortesia e a mesma atenção.

A vida do Senhor Dom Duarte Pio é um testemunho quotidiano de dádiva pessoal e da continuidade e imutabilidade do serviço da Casa Real ao povo português

Há oitenta anos, dizia o Senhor Dom Duarte Nuno: “espero que a vossa consciência colectiva vos mostre, num profundo instinto acordado, que só na Monarquia

reencontrará as garantias, direitos e liberdades derivadas dum Poder que, por ser legítimo e natural, não depende de divisões nem de egoísmos.”

A adulteração da História que é ensinada, o embotamento das consciências individuais e a crescente mutação atomizadora das pessoas e das comunidades em meros aglomerados fluídos de consumidores, que dispensam as pertenças, desdenham as tradições e descuidam o porvir, não são o solo mais fértil para que tal desejo se cumpra.

No entanto, a esperança é tecida na espera, no sentido que se lhe dá e no caminho que se percorre: a vida do Senhor Dom Duarte é a maior prova de que não há razão para desistir de se ser um bom português nem para prescindir daquilo que é melhor para Portugal.

Parabéns, Meu Senhor. Muito obrigado.

Daqui e Dali

Vamos, sem desfalecimento, a lutar por Deus, pela Pátria, e pela restituição a Portugal das suas instituições tradicionais.

Jacinto Ferreira in “Deus Pátria Rei” Ed. Razões Reais 2025

80 anos de vida, de representação da Casa de Bragança, ao serviço de Portugal

MANUEL BRAGA DA CRUZ

O Senhor Dom Duarte de Bragança tem desempenhado exemplarmente, ao longo da sua vida, a representação da Casa Real. Olhando para o prestígio e notoriedade que tem hoje a Família Real, temos de constatar e apreciar, o muito que fez o Senhor Dom Duarte pela causa que representa. O Senhor Dom Duarte é hoje conhecido, respeitado e apreciado por um número crescente de portugueses.

Isso mesmo foi reconhecido na sondagem que o CESOP da Universidade Católica Portuguesa realizou há cerca de 20 anos, em que a maioria dos portugueses entendia que o Chefe da Casa Real portuguesa podia e devia desempenhar uma importante função de representação da nação portuguesa, e entendia, também maioritariamente, que o Estado devia devolver à Família Real portuguesa e ao Senhor Dom Duarte, para sua residência, um dos vários palácios reais de que os reis de Portugal foram despossados em 1910.

Poderia o Senhor Dom Duarte ter optado por uma vida profissional de sucesso, que lhe poderia ter proporcionado excelentes condições de vida. Em vez disso, dedicou-se, a tempo completo, e com sacrifício pessoal, à Causa que representa. E, nessas funções, dedicou-se por completo ao serviço de Portugal.

O Senhor Dom Duarte não tem apenas representado exemplarmente a Casa Real portuguesa, mas tem também representado notavelmente Portugal. Tem sido um excelente Embaixador de Portugal. Nos múltiplos convites que lhe são dirigidos, quer do interior do país, quer do estrangeiro, considerando todo o simbolismo da sua real pessoa, como síntese de todo um passado histórico nacional, o Senhor Dom Duarte tem demonstrado um raro sentido de patriotismo.

O Senhor Dom Duarte tem sido um patriota, porque antepõe a tudo, o interesse de Portugal, como nação antiga e secular. Tem dedicado a sua vida ao serviço dos portugueses, e muito especialmente, dos portugueses espalhados pelo mundo. Onde há portugueses, aí está o pensamento e o coração do Senhor Dom Duarte. As comunidades portuguesas, espalhadas pelo mundo, conhecem-no, convidam-no e ficam, por isso, na memória e no cuidado do Senhor Dom Duarte, que não deixa por isso de lhes oferecer, não apenas a sua presença, mas símbolos do Portugal cristão, como aconteceu recentemente com a oferta de uma imagem de Nossa Senhora a uma comunidade de portugueses do Oriente.

A presença de Portugal no mundo, onde quer que estejam as marcas da lusitanidade, da língua à cultura portuguesa, suscitou sempre a atenção e a dedicação do Senhor Dom Duarte.

O seu empenho na entrega à defesa dos timorenses, por exemplo, e o apoio que nunca regateou à independência de Timor, foi reconhecido pelas autoridades daquele território com a atribuição da nacionalidade timorense.

O Senhor Dom Duarte, como descendente e representante dos Reis de Portugal, que fizeram a nossa grandeza através da história, transporta consigo um capital patriótico, que o constitui como um património nacional vivo, que importa preservar e valorizar.

Por tudo isto, os Duques de Bragança deveriam ser relacionados de novo com o Paço dos Duques de Bragança de Vila Viçosa, terra a que os Senhores Duques de Bragança têm consagrado particular devoção e dedicação, com a presença constante no Santuário de N^a S^a da Conceição de Vila Viçosa, à frente da Real Ordem da Conceição de Vila Viçosa, na peregrinação nacional de 8 de Dezembro. É em Vila Viçosa que estão sepultados os anteriores Duques de Bragança que não foram Reis, as Duquesas no Convento das Chagas, e os Duques no panteão da Igreja dos Agostinhos.

Nesse sentido, faria todo o sentido que o Senhor Dom Duarte, na sua qualidade de Duque de Bragança, fosse nomeado Presidente da Junta da Fundação da Casa de Bragança, com a competência que os estatutos actualmente lhe conferem de nomear o Conselho de Administração, e aí pudesse receber, não só os portugueses peregrinos da Senhora da Conceição, quando se reúnem no dia da Imaculada Conceição, Rainha de Portugal, mas também outros monarcas estrangeiros, e figuras da nobreza estrangeira, mormente os da sua família, espalhados pela Europa e pelo Brasil.

O Senhor Dom Duarte não é apenas uma referência para os monárquicos, que sonham com a restauração de Portugal pela monarquia, mas também de todos os portugueses que vêm nele um símbolo da unidade e da tradição histórica. Isso mesmo o confirmam as muitas personalidades portuguesas, e também estrangeiras, que, não sendo monárquicos, fazem questão de testemunhar ao Senhor Dom Duarte o seu apreço, a sua admiração e a sua dedicação.

“Onde há portugueses, aí está o pensamento e o coração do Senhor Dom Duarte. As comunidades portuguesas, espalhadas pelo mundo, conhecem-no.”

A full-page portrait of Nuno Pombo, a man with dark hair and glasses, wearing a dark blue suit, white shirt, and patterned tie. He is standing in front of a blurred background of a large, arched stone structure, possibly a cathedral or church. The lighting is soft and even.

ENTREVISTA A

Nuno Pombo

Entrevista coordenada
por João Távora

O Senhor Dom Duarte é um incansável e constante servidor de Portugal, dos portugueses, das comunidades portuguesas e da própria portugalidade. Nenhuma mensagem, por mais especial, pode deixar de começar com um sentido obrigado.

Fotos @ NNuno de Albuquerque Caspar

Nuno Pombo nasceu há 52 anos em Lisboa. É casado e pai de 2 filhos. Andou no Colégio Militar, escola que formou o pai, tios e primos e lhe transmitiu valores que ainda hoje cultiva: a disciplina, a honra, o amor à Pátria e o respeito pelos mais velhos.

Formou-se na Faculdade de Direito da Universidade Católica, em Lisboa, onde é docente. É director jurídico de um grupo empresarial português e árbitro tributário. Sempre que pode (e o Benfica permite) refugia-se em Borba, terra que adoptou e onde descobriu que o tempo passa mais devagar...

É monárquico desde quando e porquê?

Sempre gostei de política. Acompanhava com interesse e participava nas conversas em casa dos meus avós. Participava nas campanhas eleitorais, ia a comícios. Agora que penso nisso, talvez a eleição presidencial de 1986, que dividiu o país praticamente ao meio, tenha sido o detonador da minha consciência monárquica. Eu tinha apenas 12 anos, mas vivi tudo isso muito intensamente. Testemunhei a desilusão em muitos dos que me eram mais próximos. E constatei que muitos dos que tinham votado no vencedor não gostavam verdadeiramente dele. Votaram nele porque gostavam ainda menos do adversário. Verifiquei, portanto, que apesar da vitória, a verdade é que uma larga maioria não estava genuinamente com o Presidente eleito. E o cenário não seria diferente se o resultado eleitoral tivesse sido outro. Esta impressão ficou-me, mas só mais tarde, com 16 ou 17 anos, percebi que era monárquico. Percebi que não era bom que a Chefia do Estado resultasse de um processo intrinsecamente divisionista. Quando entro na Universidade, para cursar Direito, sou já declaradamente monárquico. De resto, a faculdade ajudou a robustecer e estruturar a minha nítida preferência pela Monarquia.

Conte-nos como foi o seu já longo percurso no movimento monárquico?

Ingressei na Real Associação de Lisboa já estudante universitário. Mais tarde, integrei uma Direcção. Finda essa experiência, continuei a acompanhar e a participar nas actividades da Real de Lisboa. Passado algum tempo, regressei a uma Direcção, em que fui vice-presidente. Assumi depois, com naturalidade, a presidência da Real Associação de Lisboa. Fiz um mandato e passei a ser o Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

O envolvimento na Real Associação de Lisboa permitiu-me acompanhar de perto, e participar activamente, na Causa Real.

Qual o episódio que mais o marcou?

Costumo dizer que tudo o que nasce grande é monstruoso. Assisti aos primeiros passos da Real Associação de Lisboa. Vi-a crescer. E presenciei também o início da Causa Real. O que mais me impressionou neste percurso foi a generosidade e a entrega de todos quantos contribuíram, quase sem meios, para se chegar onde estamos.

Foi eleito no passado mês de Maio presidente da Causa Real. Qual o maior desafio que enfrenta e como perspectiva o seu mandato?

É verdade. Apresentei uma lista aos órgãos sociais da Causa Real e ela mereceu uma ampla confiança dos delegados ao Congresso. Quero também aqui agradecer aos que aceitaram acompanhar-me nesta viagem. Procurei apresentar uma lista que representasse um justo equilíbrio entre experiência e renovação. Procurei interessar não apenas novos protagonistas, mas trazer para os órgãos sociais protagonistas novos. A Monarquia é um projecto de futuro, portanto, temos de captar e valorizar o futuro – os mais jovens.

Também não posso deixar de agradecer às



Reais Associações, à Juventude Monárquica e aos anteriores membros dos órgãos sociais a confiança que depositaram em mim e na lista que propus. Essa confiança, tão expressiva, acarreta uma enorme responsabilidade. Espero não desmerecer essa confiança.

A moção que apresentámos no Congresso assenta em três pilares: a organização interna, a formação política e a comunicação. Em nenhuma destas áreas partimos do zero, mas em todas há muito que fazer.

Do ponto de vista interno, temos um grande desafio pela frente. Temos de saber trabalhar em rede, congregar esforços, potenciar o que cada uma das partes do Movimento pode oferecer, para que este saia reforçado. Unidos seremos mais fortes e muito mais

eficazes. Naturalmente que a união se faz com o contributo de todos. Todos fazem falta e nunca serão demais. Portanto, é preciso que cada

um de nós perceba esta evidência.

No curto prazo, temos duas grandes oportunidades para apresentarmos o nosso ideário, para mostrarmos aos portugueses o que queremos para o nosso país: a eleição presidencial e o eventual processo de revisão constitucional.

O que mais me impressionou neste percurso [da Causa Real] foi a generosidade e a entrega de todos quantos contribuíram, quase sem meios, para se chegar onde estamos.

Como avalia os últimos anos do movimento monárquico?

O presente assenta no passado. Mais do que avaliar o passado, importa projectar o futuro. Claro que não podemos ignorar o passado. Temos de aprofundar as boas iniciativas que vêm de trás e evitar repetir erros. Mas não tenhamos dúvidas: todas as anteriores Direcções se empenharam no desenvolvimento e engrandecimento da Causa Real. Cabe-nos agora dar continuidade a esse esforço.

“A moção que apresentámos no Congresso assenta em três pilares: a organização interna, a formação política e a comunicação. Em nenhuma destas áreas partimos do zero, mas em todas há muito que fazer.”

De que modo poderá a nova direcção da Causa Real contribuir para a promoção do ideal monárquico e para lhe dar maior exposição mediática? Que prioridades estabeleceu para o seu mandato?

Como referi anteriormente, a comunicação com o exterior é fundamental. Mas não podemos descurar a formação política. Ter exposição mediática é importante, claro, mas é preciso apostar na formação política. Temos de fazer de cada um de nós, um instrumento eficaz de doutrinação monárquica. Portanto, a formação política é uma prioridade. E é também a organização interna. Se não estivermos bem organizados, começaremos sempre do início. Temos de deixar lastro, acumular conhecimento e partilhar experiências. E temos de conhecer bem o Movimento. A Causa Real tem de conhecer cada uma das Reais Associações e a Juventude Monárquica, mas a inversa é igualmente importante. A Causa Real tem de promover, dentro da nossa própria casa, uma cultura de transparência e compromisso.

Considerando a sua ligação familiar e afectiva a Portugal, em que regiões tem as suas raízes?

Nasci e sempre vivi em Lisboa, como de resto os meus pais. As minhas mais próximas raízes familiares estão na Estremadura, mais concretamente nos concelhos de Alenquer e Torres Vedras, e no Distrito de Castelo Branco (concelhos do Fundão, Castelo Branco e Vila Velha de Ródão).

Como vê a actual situação política nacional, nomeadamente os desafios que o novo governo constitucional enfrenta?

A actual composição parlamentar vai exigir muito dos partidos políticos. O grande desafio que se apresenta é o da governabilidade. E esse não é um desafio exclusivo do governo. É também um desafio para os partidos da oposição. O governo tem de governar e as oposições têm o dever de deixar governar, escrutinando a governação e sinalizando construtivamente caminhos alternativos. Os bons governos requerem boas oposições. As oposições não darão cheques em branco ao governo, espero

que o governo o perceba, mas tenho esperança de que sejam capazes de interpretar o que intuo ser o sentimento geral: é forçoso dar ao país condições de governabilidade. Não tenho a estabilidade política como um fim em si. Mas é da maior importância que todas as forças políticas, não abdicando dos seus princípios e valores, se envolvam na construção de uma solução de futuro. Enquanto andarmos distraídos com questiúnculas, não nos focamos no que verdadeiramente importa.

Por outro lado, há já partidos a falar de um eventual processo de revisão constitucional. Temos de estar preparados para essa possibilidade. Se essa oportunidade surgir, não deixaremos de contribuir para esse esforço. Não se justifica que hoje, com uma democracia que dizem madura, a república se imponha inelutavelmente aos portugueses, vedando-lhes a possibilidade de porem em causa a forma republicana de governo. Como me parece evidente, a democracia não pode consentir tamanho atropelo às liberdades políticas. É que a forma republicana de governo não pode comparar-se, como limite de revisão constitucional, à independência nacional, à unidade do Estado ou à separação de poderes.

Em fim de mandato, como avalia a actuação de Marcelo Rebelo de Sousa?

Não quero fazer apreciações sobre o exercício das suas funções por este ou aquele presidente da república. Somos monárquicos porque acreditamos na Instituição Real e por estarmos convencidos de que Portugal é muito mais bem servido por um Rei do que por um funcionário, ainda que eleito. A Coroa é um símbolo de soberania, da continuidade do que fomos, somos e podemos vir a ser, uma representação da unidade nacional, que não apenas territorial, e da nossa liberdade. A vantagem da Monarquia não depende de nenhum Rei em particular. De igual modo, a desvantagem da república não resulta de um pior exercício de funções por parte de um qualquer eleito. O defeito da república é, nessa medida, genético. Julgo que boa parte dos republicanos aceitarão a remoção do que me parece ser um injustificado atestado de menoridade política aos portugueses.



A detailed oil painting of Pope Paul III, showing him with a long white beard, wearing a red velvet cap and a dark red robe. He is looking slightly to the right with a calm expression.

PORTUGAL FAZ BEM

A Fundação Gaudium Magnum – Maria e João Cortez de Lobão tem o prazer de anunciar o empréstimo da obra *Retrato do Papa Paulo III*, de Tiziano Vecellio, chamado Ticiano, para a exposição Codex, que esteve patente entre 23 de Maio e 2 de Junho, organizada em parceria entre a Fundação Colnaghi e a Biblioteca Apostólica Vaticana e com o apoio da Fundação Gaudium Magnum, no âmbito do ano jubilar.

Este retrato, datado de cerca 1545-1546, apresenta o Papa Farnese, Paulo III, com o tradicional camauro, numa versão que se aproxima das consagradas obras conservadas no Museu de Capodimonte em Nápoles, no Kunsthistorisches de Viena e no Hermitage de São Petersburgo. Produzido durante ou logo após a estadia de Ticiano na corte Farnese em Roma, o quadro reflecte o poder e a sofisticação do pontífice que convocou o Concílio de Trento – momento determinante para a reforma e renovação da Igreja Católica.

Integrada num diálogo entre obras-primas da pintura europeia e documentos raros do acervo Vaticano, esta obra contribui para a reflexão sobre o papel da arte na construção de uma memória comum e na afirmação de uma herança cultural europeia partilhada.

info@gaudiummagnum.org
+351 218 075 070
Rua de São Bernardo, 31 R/C
1200-823 Lisboa



FUNDAÇÃO

gaudium
magnum

MARIA E JOÃO CORTEZ DE LOBÃO

Uma mensagem especial ao Senhor Dom Duarte de Bragança neste ano em que completa 80 anos de serviço aos portugueses?

A vida do Senhor Dom Duarte diz tudo! É um incansável e constante servidor de Portugal, dos portugueses, das comunidades portuguesas e da própria portugalidade. Mesmo os que não se declaram monárquicos reconhecem o seu exemplo de serviço e a importância do que representa. Nenhuma mensagem, por mais especial, pode deixar de começar com um sentido obrigado.

Que avaliação faz da relação existente entre Portugal e os Países de Língua Oficial Portuguesa? O que pode e deve ser melhorado?

O revisionismo histórico, mal que aflige mentes presas ao preconceito, procura diminuir, se não mesmo obliterar, o papel de Portugal na construção da identidade desses Países. Portugal não seria o que é sem a longa história que partilha com os Países de Língua Oficial Portuguesa. E estes também seriam outra coisa sem esse passado comum.

É imperioso reforçarmos a importância da monarquia como elemento potenciador da pertença à lusofonia. Conhecemos experiências estrangeiras em que a coroa favorece o estabelecimento de comunidades que extravasam uma dimensão estritamente política, para se afirmarem como grandes espaços de identificação história e cultural. S.A.R., o Duque de Bragança, dedicou a sua vida à construção dessa grande comunidade lusíada, que não se reduz aos Estados de língua portuguesa. Podemos bem imaginar o que se alcançaria com o poder agregador da Coroa Portuguesa.

O que diria a quem vê a monarquia como algo passado e do passado?

Muitas monarquias actuais integram o conjunto dos países mais desenvolvidos do mundo. Na verdade, na maior parte dos casos, podemos dizer que

Podemos dizer que as monarquias, como as europeias e o Japão, por exemplo, não são boas por serem antigas. São antigas por serem boas.

essas monarquias, como as europeias e o Japão, por exemplo, não são boas por serem antigas. São antigas por serem boas. Muitos destes Estados modernizaram-se, prosperaram e têm altos índices de felicidade. O Relatório Mundial da Felicidade é um estudo anual publicado pela ONU que avalia a felicidade de países em diferentes níveis, com base em diversos factores como apoio social, saúde, rendimento e liberdade... Se atentarmos nos 10 países com mais elevado índice de felicidade, 6 são monarquias. Como é evidente, isso não acontece por serem monarquias. Mas são países que alcançaram elevados padrões de desenvolvimento sem sentirem a necessidade de derrubar as suas instituições simbólicas e tradicionais.

Costumo dizer que faz sentido ser monárquico

aqui e agora. Em Portugal, com a nossa história, com portugueses espalhados pelo mundo inteiro, com tantas pessoas a falar e a sonhar em português em todos os continentes, a Instituição Real faz todo o sentido. Acresce que, no quadro europeu, com o aprofundamento de uma união política e económica,

Há já partidos a falar de um eventual processo de revisão constitucional. Temos de estar preparados para essa possibilidade. (...) a forma republicana de governo não pode comparar-se, como limite de revisão constitucional, à independência nacional, à unidade do Estado ou à separação de poderes.



a Instituição Real funcionaria como garante, não apenas da identidade, mas da própria independência. Mas Portugal é também a proa da Europa. A vocação marítima do nosso país, a sua tradição oceânica, encurtou distâncias, uniu povos e continentes. Este é verdadeiramente um projecto de futuro. Por isso, prefiro falar em implantar a monarquia, mais do que em restaurá-la, para evitar essa confusão.

Como gostaria que a sua presidência fosse recordada?

O ideal era que fosse a última, por ter sido, entretanto, implantada a monarquia, por vontade dos portugueses. sem revoluções nem derramamento de sangue.

A Família como foco dos nossos serviços.

MFO Multi-Family Office dedica-se a cada família como um bem precioso. Planeamos e gerimos de forma integrada os vários serviços necessários ao bem-estar da sua Família:

MFO Services: Consultoria, fiscalidade, planeamento e promoção de atos empresariais, governação familiar e serviços de suporte.

MFH Saúde: Prestação de serviços personalizados de natureza médica por corpo clínico próprio.

MFO Seguros: Apoio direto ao cliente na mediação de seguros, assegurando as melhores condições com as mais importantes seguradoras do mercado.

MFO Real Estate: Consultoria, gestão imobiliária, gestão de obras, montagem e gestão de projetos, peritagens, e avaliações de imóveis.

MFO Living: Apoio na integração de famílias em Portugal. Residência fiscal, habitação e apoio administrativo.

Junte o futuro da sua família ao nosso.

www.mfooffice.eu | geral@MFOoffice.eu

Rua Tierno Galvan, nº 10, Torre 3 | Piso 10 | Fração K
Amoreiras | 1070-274 Lisboa | Portugal
+ 351 211 389 398

MF Multi-Family Services, Lda. NIPC: 513704612



MFO

Multi Family Office

AS FILHAS DO UMA CRÓNICA À VOLTA

ANTÓNIO

O bonito retrato dos filhos de Dom Miguel I, por Joseph Hartmann, conhecido pintor alemão do século XIX, é possivelmente de 1862, antes do nascimento de Maria Antónia, que nele não se encontra representada. Este quadro faz-nos recordar os acontecimentos do século XIX, que levaram a que uma parte da Família Real se radicasse na Europa Central, e o destino das filhas do rei exilado.

Uma Família Real no exílio

Em consequência da Convenção de Évora-Monte, em 1834, partiu Dom Miguel para o exílio, saindo de Sines, a 1 de Junho, com destino a Génova, onde emitiu o primeiro protesto relativo à situação que fora forçado a aceitar. Fixou residência em Itália, contando com o apoio do Papa Gregório XVI, que lhe deu mostras de grande admiração e amizade. Falecido o Pontífice em 1846, o rei exilado partiu no fim desse ano para Inglaterra, onde já estivera em 1827, tendo conhecido o futuro Guilherme IV. Aí permaneceu quase cinco anos, com residência em Londres. Em 1851, visitou a primeira Grande Exposição e seguiu para a Alemanha, onde se fixou nesse ano, tendo

contraído matrimónio com S. A. S. a Princesa Adelaide de Löwenstein-Wertheim-Rosenberg, da qual teve, numa década, um filho e seis filhas. Estes nascimentos tiveram lugar sobre terra levada de Portugal. Miguel Januário, conhecido por Dom Miguel II depois da morte do pai, referido na corte austríaca como Duque de Bragança, receberia em 1881 do Imperador, para si e sua família, o privilégio da extraterritorialidade. Em 1883, chegou a Lisboa, acompanhado da irmã Aldegundes e do cunhado, instalando-se Hotel Central.

Se a Rainha Vitória, tal como o Rei Cristiano IX da Dinamarca, são chamados “Avós da Europa”, o Senhor Dom Miguel seria igualmente merecedor desse epíteto, como ascendente de boa parte das famílias reais da Europa católica

Na sua descendência continuaria a linha dinástica que recolheria igualmente a sucessão do Rei Dom Manuel II, em 1932, actualmente representada por S. A. R. o Senhor Dom Duarte.

O casal real visitou Inglaterra em 1862, tendo então o Rei sido fotografado com um grupo dos seus leais legitimistas, entre os quais os Condes de Avintes e de



REI DOM MIGUEL DE UM QUADRO A ÓLEO

PINHEIRO MARQUES

Bobadela, o Marquês de Abrantes, Francisco de Lemos, António Gomes de Abreu, o conde de São Martinho, e António Pinto Saraiva. Precocemente envelhecido, faleceu em novembro de 1866, em Bronnbach, ficando sepultado no panteão dos Príncipes de Löwenstein, na abadia de Engelberg.

A Rainha viúva professou em 1896 na abadia de Solesmes, em França. Devido à aprovação neste país da lei das associações, restringindo fortemente as congregações religiosas, Soror Adelaide passou, com a comunidade beneditina, à abadia de Santa Cecília, em Ryde, na ilha de Wight, onde receberia a visita dos Reis Eduardo VII e Alexandra, curiosos em conhecerem a viúva de um rei exilado, então Madre Adelaide de Bragança. Quando da tragédia de 1908, escreveu uma carta de pêsames reconfortando a Rainha Dona Amélia. Esta, na troca de correspondência, tratava carinhosamente a idosa familiar como “Tia Adelaide”. Faleceu no ano seguinte, aos setenta e nove anos de idade, tendo sido sepultada na sua abadia.

O casal real foi trasladado, em 1967, para S. Vicente de Fora, com a presença da Família Real e outros descendentes, entre os quais a Imperatriz Zita, Francisco José II de Liechtenstein, e também Humberto II de Itália, Simeão II dos Búlgaros e os Condes de Barcelona, residentes em Portugal.

A educação das Infantas

Formados em lar cristão e português, os filhos de Dom Miguel aprenderam a língua paterna e história de Portugal e tiveram uma cuidadosa formação religiosa. Os preceptores eram portugueses, sendo de mencionar António Gomes de Abreu, professor em Coimbra, escolhido pelo Rei para educar o Príncipe. Depois da morte do marido, coube a Dona Adelaide orientar os seus estudos e a preparação, própria dos Príncipes dessa época, completada com a frequência do colégio jesuíta de S. Clemente, em Metz, onde Miguel Januário foi discípulo de Ferdinand Foch, futuro Marechal de França. O Príncipe prosseguiu estudos jurídicos universitários, em Innsbruck. Sempre com a preocupação de uma educação portuguesa, também a formação do Príncipe Dom Duarte Nuno, sucessor de seu pai e do Rei Dom Manuel II, seria confiada a Dona Maria das Dores Castelo de Sousa Prego, agraciada por Dom Miguel II com o título de Condessa do Castelo. As Infantas receberam uma educação

Formados em lar cristão e português, os filhos de Dom Miguel aprenderam a língua paterna e história de Portugal e tiveram uma cuidadosa formação religiosa.

completíssima, granjeando reconhecimento pela sua cultura e domínio de línguas.

As Infantas e a sua época

É de relevar também a influência destas Infantas,

tanto nas famílias em que entraram pelo casamento, como nas sociedades a que pertenciam. Elegantes, bonitas e cultas, casaram, como era então costume, bastante novas, com a exceção, que veremos, de Dona Maria Ana. O prestígio e bons relacionamentos do exilado Dom Miguel I facilitaram os consórcios, todos com Príncipes de famílias reais.

A primogénita, Dona Maria das Neves, casaria com Afonso Carlos de Bourbon, Duque de S. Jaime, pertencente à dinastia carlista. Como Zuavo Pontifício, tinha combatido em 1870 na defesa de Roma, sob assédio quando da unificação. Ainda em viagem de núpcias, foi convocado pelo irmão, Carlos VII, Duque de Madrid, para comandar o exército da Catalunha, no que foi acompanhado pela jovem Maria das Neves, a quem as tropas chamavam Doña Blanca. Na descrição do liberal Benito Pérez Galdós, a Princesa de vinte anos de idade, montava a cavalo “com aprumo marcial, destreza hípica e um revolver à cintura, e usava o pingalim como bastão de comando”. Compartiu com as tropas as duras condições da guerra, assistindo o marido no comando, intendência e comunicações e na assistência a feridos, e foi muito elogiada pela tática e considerada uma hábil estratega. Com residência em Espanha, com a implantação da república, o casal partiu para Viena, em 1931. Muito viajados, estiveram em Portugal.

Esta Infanta deixou uma marca profunda no movimento carlista, sendo lembrada com enorme



Londres 1863 - Coleção particular

1. João de Lemos; 2. António Ribeiro Saraiva; 3. José Corrêa de Sá; 4. Conde de Bobadela; 5. Marquês de Abrantes; 6. Luís Cândido Osório Tavares; 7. Francisco de Lemos; 8. Dr. Gomes de Abreu; 9. António Pereira da Cunha; 10. Carlos Zeferino Pinto Coelho; 11. Conde de São Martinho.

admiração. Em 1934, publicou “Mis memorias sobre nuestra campaña en Cataluña en 1872 y 1873 y en el centro en 1874”. Enviuvou em 1936, sem descendência e faleceu cinco anos depois, estando sepultada, junto do marido, na cripta do castelo de Puchheim.

Também Dona Maria Theresa, a segunda filha, conhecida como uma das mais bonitas Princesas do seu tempo, marcou a sociedade de Viena, tendo casado em 1873 com Carlos Luís, irmão do Imperador Francisco José I, ficando a representação dos legitimistas assegurada por uma delegação presidida pelo Conde da Redinha.

Elegantes, bonitas e cultas, casaram, como era então costume, bastante novas, com a excepção, que veremos, de Dona Maria Ana



Nas ausências da Imperatriz Isabel, surgia como primeira Senhora da Corte e, mesmo retirada depois de viúva, a sua opinião continuava a ser escutada. Na Grande Guerra, montou, na frente de batalha, um hospital de sangue que dirigia, alheia a riscos, acorrendo onde mais era necessária. Compreendendo bem o enteado Francisco Fernando na insistência em casar com a Condessa Sofia Chotek von Chotkow

und Wognin, sempre lhe deu apoio, enfrentando o Imperador, sujeito a pressões para autorizar o casamento, tanto do Papa Leão XIII como de Nicolau II, e que acabaria por ceder à própria cunhada, impondo, no entanto, a exclusão da descendência do Arquiduque na sucessão ao trono. Em 1890, o casamento foi celebrado em Reichstadt, no castelo de que aí dispunha a Arquiduquesa Maria Theresa, que esteve presente com as filhas.

O Príncipe de Liechtenstein, Francisco José II, progenitor da actual família reinante, era neto desta

nossa Infanta, que faleceu em Viena, sendo sepultada na Cripta Imperial dos Capuchinhos.

Também Dona Maria José deixou um legado de renome, ainda subsistente na Baviera. Era uma jovem de grande beleza, tendo sido considerada pelos bávaros a mais bonita mulher do país (“die schönste Frau von Bayern”). Casou com o Duque Carlos Teodoro, irmão da Imperatriz Isabel. Este Príncipe bávaro combateu na guerra

franco-prussiana, em 1870-1871, o que motivou a sua vontade de estudar medicina. Formou-se em Munique, com especialização em oftalmologia, tendo exercido gratuitamente, de modo a poder tratar os mais desfavorecidos, com o apoio permanente de Maria José nas consultas e operações. Por iniciativa desta, adquiriram um edifício, em Munique, onde instalaram uma clínica, destinada a assistir os desamparados. Tinha uma capacidade de cinquenta e seis camas, superior à do hospital universitário da cidade. Depois da morte do marido, a Duquesa Maria José criou uma fundação destinada a gerir a clínica, perpetuando a sua atividade. O edifício está classificado e a “Augenlinik Herzog Carl Theodor” existe na actualidade como uma das mais antigas e mais modernas da Alemanha.

Deste casal foi filha Isabel, que casaria com o Alberto, depois Rei dos Belgas, sendo ascendentes das famílias reais da Bélgica, de Itália e também da família grão-ducal do Luxemburgo.

Não esquecendo ter nascido Infanta portuguesa, visitou o nosso país duas vezes. Em 1938 e em 1940, acompanhando a sobrinha, a Infanta Dona Filipa. Foi então organizada uma grande recepção no palácio do Conde da Torre, em Benfica, onde existe um retrato seu. Faleceria em Viena, aos 85 anos de idade, estando sepultada, junto do marido, na Igreja de S. Quirino, em Tegernsee.

Dona Aldegundes, casada em Salzburgo com o Príncipe Henrique de Parma, Conde de Bardi, acompanhou o marido nas viagens e trabalhos de investigação no Mediterrâneo, tendo estado em Portugal várias vezes. Sabe-se que numa delas



atravessou a fronteira com passaporte inglês, fazendo-se passar por dama de companhia da sua própria aia. Viúva em 1905, e sem filhos, manteve ligações de muita estima com os sobrinhos.

A Infanta notabilizou-se pelo apoio prestado, em 1911 e 1912, quando das incursões monárquicas, angariando fundos e encorajando os que pretendiam a restauração da Monarquia. Dom Miguel II, com o intuito de facilitar a reconciliação dinástica, abdicou, em 1920, em favor de Dom Duarte Nuno, de doze anos de idade, confiando a sua tutela a Dona Aldegundes, com o título de Duquesa de Guimarães. A Infanta publicou, em 1921, uma Declaração de Princípios relativa a uma “Nova Monarquia” e, ainda sob a sua responsabilidade, foi negociado o pacto dinástico, chamado de Paris, em 1922. Residiu em Seebenstein com Dom Duarte Nuno até a família sair da Áustria, quando da ocupação pela Alemanha, na Segunda Guerra mundial, radicando-se então na Suíça, onde faleceu aos oitenta e sete anos de idade.

Dona Maria Ana casaria em Fischhorn, em 1893, com o Grão-Duque herdeiro Guilherme do Luxemburgo. Sendo os Nassau protestantes, o Duque Adolfo não aprovava o casamento do filho com a Infanta portuguesa, fervorosa católica. Quando subiu ao trono do Luxemburgo (país maioritariamente católico), em sucessão a Guilherme III, que foi também Rei dos Países Baixos, o novo Grão-Duque acabaria por aprovar o casamento, para o qual o Papa Leão XIII conferiu dispensa, ficando convencionado que os filhos seriam protestantes e as filhas educadas na fé católica. Como o casal só teve filhas, a dinastia luxemburguesa tornou-se assim católica.

Devem-se a Dona Maria Ana duas obras sobre Dom Miguel I, para as quais forneceu todo o auxílio, documentação e correspondência. Paul Siebertz publicou “Dom Miguel I Köning von Portugal: sein Leben und seine Regierung”, tendo um dos exemplares sido oferecido ao Rei Jorge V pelo Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança, quando da sua visita a Londres, em 1935, ocasião em que foi convidado pelos soberanos britânicos para almoçar. Esta obra foi traduzida para português como “Dom Miguel I e a sua época”. Arthur Herchen publicou uma biografia do monarca, cuja tradução para português por Dom João de Almeida (Lavrado), “Dom Miguel Infante”, foi publicada em 1946.

A Grã-Duquesa Maria Ana exerceu a regência de 1908 a 1912, no impedimento do marido, Guilherme IV, e até à maioridade da sucessora, Maria Adelaide. Tendo subido ao trono em tempos de agitação política, em 1919, esta soberana abdicou, na irmã, Carlota, o que foi validado em referendo desse mesmo ano. Esta penúltima filha de Dom Miguel viria a Portugal, acompanhando a Grã-Duquesa Carlota e família, refugiadas com motivo da invasão alemã do Luxemburgo, em 1940. Prosseguiram para os Estados Unidos da América, onde faleceu, em Nova Iorque, em 1942, tendo sido trasladada para a catedral da cidade do Luxemburgo.

De Guilherme IV e Maria Ana, descende a actual família reinante, dando-se a coincidência de o Grão-Duque Henrique, ser descendente de Dom Miguel I, pelas Infantas Maria Ana, Maria José e também, como

veremos, Maria Antónia. De notar que o Príncipe Luís Henrique, que será um dia chefe da casa real bávara, descende igualmente do casal grão-ducal.

A última das Infantas, Dona Maria Antónia, não representada no quadro, casou em Fischhorn, com o Duque Roberto I de Parma. O casal teria doze filhos, tendo Maria Antónia sido mãe adoptiva de outros doze do anterior casamento do marido. Viúva em 1907, viajou em 1922 até Lisboa, de onde seguiu para a Madeira, para se juntar à filha, a Imperatriz Zita, por motivo da morte do genro, o Imperador Carlos I. Voltaria a Lisboa, em 1940 quando da invasão pelas

tropas alemãs da Bélgica, onde então vivia com a filha Zita e seus filhos. Visitou a Exposição do Mundo Português, antes de seguir para o continente americano, onde fixou residência no

Québec, com a filha e netos. Posteriormente fixar-se-ia no Luxemburgo, junto da sobrinha e nora, a Grã-Duquesa Carlota, casada com seu filho Félix. Ali faleceu em 1959, aos noventa e seis anos de idade, estando sepultada na capela do castelo de Puchheim, na Alta Áustria.

A Infanta Dona Antónia contribuiu com um conjunto significativo de documentos para a iniciativa da irmã Maria Ana, destinados à elaboração da história do reinado de seu pai. Na sua descendência contam-se a família ducal de Parma e, por sua filha Zita, a família imperial da Áustria, bem como por seus filhos, Félix, a casa grão-ducal do Luxemburgo, e Renato, a Família Real romena.

A descendência de Dom Miguel I e de Dona Adelaide Sofia

Se a Rainha Vitória, tal como o Rei Cristiano IX da Dinamarca, são chamados “Avós da Europa”, o Senhor Dom Miguel seria igualmente merecedor desse epíteto, como ascendente de boa parte das famílias reais da Europa católica, num total de nove.

Sobre estas Infantas portuguesas, o espanhol Dativo Salvia y Ocaña publicou, em 2021, uma obra já traduzida para português, “As Infantas Bragança e sua descendência – História das filhas de Dom Miguel I”, com nota introdutória do Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança, contendo abundante informação histórica, política e genealógica e de leitura recomendada.

As Senhoras Infantas, filhas de Dom Miguel I e de Dona Adelaide Sofia, nascidas em meados do século XIX, revelam-se-nos fortes nas suas convicções religiosas e políticas e sempre activas nas causas sociais e caritativas, bem podendo ser consideradas como exemplos de sentido do dever e de determinação na vontade de bem-fazer em prol do seu semelhante.

Daqui e Dali

Todos vemos na Monarquia a Instituição política tradicional, que tornou Portugal grande e respeitado, e que é a garantia do usufruto das nossas liberdades.

Jacinto Ferreira in “Deus Pátria Rei” Ed. Razões Reais 2025



Uma celebração de vida

Texto **Alberto Miranda**

Fotografia **Nuno de Albuquerque Gaspar**

As celebrações dos 30 anos de casamento dos Duques de Bragança e o aniversário de S.A.R. o Senhor Dom Duarte decorreram em três inolvidáveis momentos. Foi uma semana de celebração da vida e da família de que aqui se dá testemunho.



Os Duques de Bragança
com os três filhos antes da missa



A pagela para assinalar a ocasião festiva

Duques de Bragança celebram 30 anos de casamento com Missa de Acção de Graças

A data exigia uma celebração à altura! A 13 de Maio de 1995, o Duque de Bragança casava no Mosteiro dos Jerónimos com Dona Isabel de Herédia. Três décadas depois, o casal real reuniu a família e amigos para uma Missa de Acção de Graças que teve a participação dos três filhos e a bênção do Papa Leão XIV.

Antes da hora marcada, os Duques de Bragança chegam à Basílica da Estrela, em Lisboa, na companhia da filha. À sua espera, no pátio da fachada do templo, já estavam o Príncipe da Beira e o Duque do Porto. O Duque de Coimbra chega pouco depois. A Família Real portuguesa faz a primeira fotografia. Neste dia 13 de Maio de 2025, Dom Duarte Pio e Dona Isabel de Bragança celebram 30 anos de casados e estão rodeados de Dom Afonso de Santa Maria, Dona Maria Francisca e Dom Dinis. Profundamente religiosos, os Duques de Bragança quiseram assinalar estas três décadas de casamento com uma missa solene, para a qual convidaram a família e vários amigos.

Reviver memórias

Antes da celebração, os Duques de Bragança foram entrevistados por Manuel Luís Goucha em directo para a TVI, que fez uma emissão especial a partir do local. Ao apresentador,



Duques de Coimbra



Sara e Francisco de Menda



José e Maggy Folque

Dona Isabel recordou aquele dia e falou da importância da união e da partilha dos mesmos valores para o sucesso e longevidade de um casamento. Dom Duarte também referiu que, por vezes, abre o álbum de fotografias para reviver um dia de festa, que ficou para a História dos monárquicos portugueses.

Recorde-se que no dia do enlace real, Lisboa viveu um verdadeiro conto de fadas, com milhares de pessoas nas ruas a aclamarem os noivos e a gritar “Viva o Rei!”, junto ao Mosteiro dos Jerónimos, onde se realizou a cerimónia religiosa.

Depois, Manuel Luís Goucha quis ouvir os filhos do casal e todos sublinharam o quanto o exemplo dos pais os marcou e continua a influenciar.



Condessa de Sabugosa



Princesa Diana, Duquesa de Cadaval, e a filha, a Princesa Isabelle d'Orléans



Maria do Carmo Sanches de Baena e Núria de Orléans e Bragança Martorell

Ao perfazer oitenta anos, o Senhor Dom Duarte Pio pode, a justo título, evocar, para além de uma linhagem correspondente a séculos da dinastia de Bragança, muitos mais séculos da Casa de Bragança, uns e outros que se entrelaçam com a História de Portugal.

Pode, ainda, sublinhar vários contributos pessoais para a História recente, quer no plano militar, quer no civil, dos quais o mais impressionante é o da luta pela independência do Povo Maubere e da Pátria irmã de Timor-Leste, traduzida em gestos simbólicos e apoio de toda a ordem que Timor-Leste não esquece e nunca esquecerá.

Que Portugal não esquece e nunca esquecerá.

Marcelo Rebelo de Sousa



Príncipe Aynn Aga Khan



António e Maria João Homem Cardoso



Arquiduquesa Milona de Habsburgo e Princesa Marie do Liechtenstein



Os cavaleiros da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa



A missa na Basílica da Estrela foi presidida por Dom Rui Valério, Patriarca de Lisboa



Patriarca de Lisboa preside à missa

Com os convidados já no interior da Basílica da Estrela, templo mandado construir pela rainha Dona Maria I de Portugal (quarta avó de Dom Duarte), começa o cortejo de entrada com a família Bragança, as damas da Ordem de Santa Isabel, vestidas de preto, com mantilha e a respectiva insígnia e os cavaleiros da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, que usaram a capa e a insígnia. O clero faz parte do cortejo e ouve-se *Regina Coeli Laetare*, de Lotti, interpretado pelo Coro Laudate, dirigido pelo maestro José Eugénio Vieira e órgão tocado por Luís Cerqueira.

A missa solene é presidida por Sua Excelência Reverendíssima, Dom Rui Valério, Patriarca de Lisboa, coadjuvado pelo Cardeal Dom Américo Aguiar, Bispo de Setúbal, e pelo Cardeal Dom Manuel Clemente, Patriarca Emérito de Lisboa.

A primeira leitura foi feita por Dom Afonso de Santa Maria, Príncipe da Beira, a oração universal por Dom Dinis, Duque do Porto, e o salmo responsorial foi lido pela Infanta Dona Maria Francisca, Duquesa de Coimbra.



O Príncipe da Beira fez a primeira leitura



A Infanta Dona Maria Francisca leu o salmo responsorial



O Infante Dom Dinis fez a oração dos fiéis



A Família Real durante a celebração solene



A homilia que enalteceu Nossa Senhora e os Duques

Depois da leitura do Evangelho, Dom Rui Valério fez uma homilia, na qual enalteceu as qualidades da Virgem Maria e o exemplo dos Duques de Bragança. O Patriarca começou por dizer: “Hoje assinala-se o aniversário da Mãe de Deus, por isso, esta data é um incentivo à oração (...). É também um dia de gratidão, porque há 900 anos, em Zamora, D. Afonso Henriques arma-se cavaleiro. É, igualmente, um dia de louvor, porque a 13 de Maio de 1995, Suas Altezas Reais diziam o seu ‘sim’ de reciprocidade, um ‘sim’ inspirado pelo amor. Era um ‘sim’, que encerrava uma nação, um povo”.

Neste elogio ao amor, Dom Rui Valério prosseguiu para afirmar que o casamento dos Duques de Bragança, era “o princípio de uma vida nova”, inspirada em Maria “revestida de sol, mas com uma lua aos pés” e que estar aos pés de Maria significa “serviço, entrega, comunhão (...) e nestes 30 anos de matrimónio, Maria, que abraçou o grande plano

salvífico de Deus e que é sinónimo de brisa e alegria no coração, inspirou Suas Altezas”.

O Patriarca de Lisboa explicou a ligação do casal a Maria e ao país: “Este amor à Mãe souberam-no transmitir aos filhos. Todo o português sabe que Portugal não se explica sem a presença da Virgem Santíssima. Quando o nosso monarca Dom João IV abdica de usar a coroa na cabeça, ele sabe que a coroa de Portugal está ali, Nela, no coração de Maria”, realçando que a felicidade de que falava o Evangelho tem norteado a vida dos Duques de Bragança. “Em vós, os portugueses encontram quem os sustenta nos valores morais, éticos, de serviço, de abnegação, de entrega, a nossa liberdade como povo, a nossa autodeterminação”. Dom Rui Valério terminou a sua homilia dizendo que “Suas Altezas têm tido uma vida devotada a Deus, ao país e à família”



Conde de Calheiros e João Pinto Ribeiro



José Ribeiro e Castro



Joaquim Biancard Cruz, António Stichini, Francisco de Menda, Francisco Lobo de Vasconcelos e Lourenço Correia de Matos



Bernardo e Ana Barahona com os Duques de Bragança



Duque do Porto com Ana Príncipe e Jaime Amador Pinto



Dom Duarte Pio e Dona Isabel de Bragança celebraram os seus 30 anos de casamento com uma missa de acção de graças

Conheço o Senhor Dom Duarte de Bragança, assim como a Senhora Dona Isabel, há já muitos anos. Tive aliás a honra de estar presente no Mosteiro dos Jerónimos na cerimónia do seu casamento, cujo 30º aniversário pudemos comemorar recentemente.

Ao longo de todo este tempo desenvolvi com o Senhor Dom Duarte e família uma relação de proximidade e mesmo de amizade, apoiada esta também no facto de termos queridos amigos comuns. Pude, pois, conhecer melhor as suas notáveis qualidades humanas, a integridade do seu carácter e a sensibilidade no relacionamento com as pessoas, independentemente do seu meio social, económico ou político.

Para além do seu incondicional amor e da sua total dedicação ao nosso País, cuja História tão bem conhece, admiro nele a permanente curiosidade intelectual, o sempre vivo interesse por aquilo que se passa em Portugal, na Europa e no mundo e a sua tão vasta e diversificada cultura.

Por tudo isto, e por muito mais que não cabe neste curto depoimento, não hesito em dizer que o Senhor Dom Duarte muito honra Portugal.

José Manuel Durão Barroso



No final da missa, os Duques de Coimbra, o Duque do Porto, o Príncipe da Beira e os Duques de Bragança receberam os cumprimentos dos convidados num cocktail, que decorreu no convento anexo à Basílica da Estrela

Fotos © Nuno de Albuquerque

Ao longo dos últimos anos tenho tido a honra de acompanhar alguns dos momentos marcantes da família dos Duques de Bragança – do casamento real, a que o país assistiu com júbilo, aos 30 anos do matrimónio de Dom Duarte com Dona Isabel. Não poderia agora, num momento tão especial como são os 80 anos de Dom Duarte, não escrever o meu testemunho sobre alguém que marcou e continuar a marcar a nossa vida coletiva.

Em Dom Duarte continuo a ver um reflexo vivo da nossa história que, em tempos em que a superficialidade do imediato se sobrepõe ao perene, se torna cada vez mais importante. Hoje precisamos de uma ligação firme ao passado, para não nos perdermos num perigoso presente desenraizado e vazio. É essa ligação que vemos na história da dinastia de Bragança tão bem representada por Dom Duarte.

Mas não fica por aqui aquilo que vejo na sua figura. Desde cedo que também testemunhei em Dom Duarte um símbolo de moderação: de moderação diante dos extremismos políticos, como também de moderação diante da política partidária e de facção. Dom Duarte coloca-se acima de tudo isto, e é por isso um modelo dessa moderação tão essencial nos nossos tempos. Foi isso que mostrou exemplarmente na forma como se bateu por causas nacionais e internacionais – a independência de Timor-Leste, desde logo, justa batalha que lhe valeu a honra de se tornar cidadão timorense.

Nestes 80 anos de vida, muito foi o que Dom Duarte nos deu. A ele devemos um reconhecido agradecimento.

Carlos Moedas



Francesa Nigra de Castro e Sousa, Maria Rosário Braga da Cruz, Maria Assunção Infante da Câmara e Marquesa de Lavradio



Luísa de Sá Carneiro Beirão, Joana Nigra de Castro e Sousa de Noronha, Aline Hall de Beuvink e Catarina Pereira Coutinho



Inês Posser de Andrade, Jorge Pereira de Sampaio e Duquesa de Bragança



Príncipe da Beira, Duque do Porto, Condessa Isabel Rilvas (na cadeira), Beatriz de Cortez Lobão, Luísa Azarujinha Almeida Ribeiro, Eduardo Nazaré Costa e os Duques de Coimbra



O Marquês de Lavradio a cumprimentar a Duquesa de Bragança

Os pedidos de Dom Dinis e a bênção de S.S. o Papa Leão XIV

A celebração continuou com o ofertório ao som de Mozart; aliás as músicas escolhidas revestiram-se de grande solenidade como o *Sanctus* de Gounod, o *Ave Maria*, de Schubert ou o *Hallelujah*, de Handel.

No momento da oração dos fiéis, o Infante Dom Dinis pediu pelo novo Santo Padre, “pelo Senhor Meu Pai e Senhora Minha Mãe, que se alegram todos os dias pelo dom que Deus lhes deu”. O Duque do Porto pediu, igualmente, “pela paz religiosa” e rezou pela memória do Papa Francisco.

Antes do final da missa, o Vaticano enviou uma bênção em nome de Papa Leão XIV, na qual o Santo Padre “saúda e felicita os Duques de Bragança” pelo “amor mútuo” e faz “uma oração por esta feliz ocorrência”, desejando “harmonia a toda a família” e, por isso, o Papa “concede a ambos e



aos filhos, demais familiares e a todos os participantes nesta celebração a bênção apostólica”.

Após, este momento solene, os Duques de Bragança dirigiram-se para o Convento do Sagrado Coração de Jesus, adjacente à Basílica, para receberem todos os convidados. Ali, entre conversas cruzadas e fotografias para mais tarde recordar, enquanto era servido um cocktail pela Quinta do Roseiral, os Senhores Dom Duarte e Dona Isabel receberam os cumprimentos e as felicitações pelos 30 anos do seu casamento, mas os festejos não se ficaram por aqui...



Filipa Avelar, Filipe Mendes, Francesca Nigra de Castro e Sousa, Duquesa de Bragança, João Carvalhosa, Joana Mayer, Isabel da Cunha Carvalhosa e José Lobo de Vasconcelos

Dupla celebração com espectáculo de arte equestre

Um dia depois do seu aniversário, o Duque de Bragança quis celebrar a data com os amigos e familiares, que chegaram um pouco de toda a Europa e do Brasil. Para mostrar o melhor de Portugal, Dom Duarte Pio ofereceu um espectáculo de arte equestre no Museu dos Coches, em Lisboa. A data também serviu para assinalar as três décadas de casamento com a Duquesa de Bragança

Os convidados começaram a chegar aos poucos e as conversas cruzavam-se em francês, inglês, italiano e alemão. Foram muitos os familiares e amigos que responderam afirmativamente ao convite do Duque e da Duquesa de Bragança para um fim-de-semana em Portugal. A celebração foi dupla, uma vez que no dia anterior Dom Duarte Pio tinha celebrado o seu

aniversário e dois dias antes tinha comemorado os 30 anos de casamento com Dona Isabel de Bragança.

Para dar as boas-vindas aos ilustres convidados, vindos de quase toda a Europa e de Terras de Vera Cruz, os Duques de Bragança decidiram oferecer uma mostra de arte equestre. De repente, no pátio da entrada do Museu dos Coches começa a ouvir-se o trote dos cavalos, trajados a rigor. Ia começar uma exibição de vários puro-sangue lusitanos pela Escola Portuguesa de Arte Equestre. Príncipes e Princesas, Duques e Duquesas, altezas reais e imperiais, juntamente com todos os outros convidados portugueses, registaram com os seus telemóveis as proezas dos cavalos.



O espectáculo de arte equestre oferecido pelos Duques de Bragança no Museu dos Coches



Os convidados nacionais e internacionais ficaram encantados com a destreza e elegância dos cavalos



O cavalo puro-sangue lusitano



Os cavaleiros da Escola Portuguesa de Arte Equestre

Tradição cultural portuguesa

No final da exibição, os Duques de Bragança fizeram questão de tirar uma fotografia, ao lado dos três filhos e do genro, com os cavalos como pano de fundo. A imprensa portuguesa, espanhola e francesa também eterniza o momento.

Esta foi uma forma de Dom Duarte Pio e Dona Isabel se tornarem, uma vez mais, Embaixadores do que de melhor se faz em Portugal, uma vez que esta arte é uma tradição cultural que simboliza a perfeita harmonia entre o cavalo e o cavaleiro e que é a expressão da equitação tradicional portuguesa.

Recorde-se que há 30 anos, na véspera do casamento real, os Duques de Bragança também ofereceram uma exibição deste espectáculo aos convidados reais no Palácio de Queluz.

Depois da forte ovação, seguiu-se um cocktail *dinatoire* nas salas do Museu Nacional dos Coches, tendo todos os convidados a oportunidade de apreciar as relíquias do acervo do museu, fundado há 120 anos pela Rainha Senhora Dona Amélia no antigo Picadeiro Real.

Primos reais em Lisboa

Dom Duarte e Dona Isabel de Bragança foram muito solicitados pela imprensa para fazerem fotografias, mas os convidados reais estrangeiros também. Esta foi uma verdadeira reunião de primos da realeza do Velho Continente e do Brasil, com a presença dos Príncipes Dom Rafael e Dona Gabriela de Orléans e Bragança e das irmãs

O Senhor Dom Duarte é um caso sério de popularidade. O cidadão demonstra respeito e afecto por um homem que o sabe olhar nos olhos com consideração. Pese embora não seja reconhecido pelo Protocolo de Estado, é nos países de língua portuguesa que o Seu papel simbólico é mais reconhecido. Teve a capacidade, pela sua formação e humanismo, de ser uma referência agregadora do património comum: a língua portuguesa. Numa Europa em crise, a identidade das nações é um património que nos coloca a salvo do deslance que nos ameaça.

É isso que Lhe devemos: ser um exemplo e um símbolo.

Rui Moreira

O Senhor Dom Duarte é um Grande Cidadão do Mundo! (como poucos!) Inteligente, culto e afável, tem uma visão muito telúrica mas simultaneamente estratosférica do Nosso Planeta! Alguma burrice humana olha-o de lado! (mas do lado errado!) Dom Duarte é genialmente e intrinsecamente uma Alma portuguesa! A Gabriela e eu temos orgulho desta nossa grande amizade e proximidade.

José Cid e Gabriela Carrascalão



Os Duques de Coimbra, o Príncipe da Beira, os Duques de Bragança e o Duque do Porto no final da actuação

Elisabeth e Núria de Orléans e Bragança Martorell, primas direitas do Duque de Bragança, filho da Princesa Dona Maria Francisca do Brasil.

Das Casas Reais reinantes estiveram presentes o Príncipe Louis do Luxemburgo e o tio, o Arquiduque Christian da Áustria, casado com a Princesa Astrid do Luxemburgo, e vários Príncipes do Liechtenstein, como a Princesa Marie, que é Madrinha de batismo da Infanta Dona Maria Francisca.

Entre as Casas Reais não reinantes, da Alemanha, destaque para a presença dos Príncipes da Prússia, da Princesa Glória von Thurn und Taxis, dos Marqueses de Baden, da Princesa de Castell-Rüdenhausen ou da Condessa de Schönborn-Wiesentheid.

De França, os Duques de Angoulême, vários Príncipes da Casa d'Orléans; em representação da Bulgária, a Princesa Alexandra-Nadejna de Kohary. Da Casa Imperial e Real da Áustria-Hungria foram

El-Rei Dom Dinis disse que a Rainha Santa Isabel era boa para ser Rei. O mesmo se deve dizer do Senhor Dom Duarte, Chefe da Casa Real portuguesa, porque, enquanto representante dos Reis de Portugal, é símbolo vivo da nossa História, a melhor expressão da soberania nacional e garantia da independência de Portugal. Bem-haja!

Gonçalo Portocarrero de Almada

O Senhor Dom Duarte de Bragança tem devotado a sua vida à defesa de uma «portugalidade» patriótica, mas cosmopolita, norteadada pela história, mas ativa no presente e projetando futuro. A sua herança familiar, formação, experiência e valores fazem-no voz respeitada nas causas e compromissos por um Portugal melhor no quadro da Europa e do mundo. O seu ideal de monarquia é o de uma coroa democrática, assumida com liberdade e responsabilidade por um «rei-cidadão» empenhado na eterna busca da melhor das res publicas. Assegurando independência política, abrangência cívica e referência identitária, a monarquia pode ser uma voz importante no quadro dos debates sobre o futuro de Portugal. E o Senhor Dom Duarte de Bragança merece o reconhecimento público pelo contributo, de exemplo e palavra, dado a essa causa que é de todos.

José Miguel Sardica



Fotos © Nuno de Albuquerque

Os Duques de Bragança ofereceram um cocktail dinoaire no Museu dos Coches, em Lisboa, para os amigos e famílias reais estrangeiras



vários os Arquidukes presentes, assim como da Casa de Bourbon e Duas Sicílias. A Grã-Duquesa Maria da Rússia também fez questão de não faltar, assim como Príncipe Henri de Ligne, o Duque e o Príncipe herdeiro de Croÿ ou a Casa d'Arenberg. A todos eles, os Duques de Bragança cumprimentavam e falavam, verdadeiramente, emocionados pelo reencontro.

No dia seguinte, sábado à noite, Dom Duarte Pio e Dona Isabel voltariam a reunir a família, os amigos e os primos estrangeiros para um jantar de gala em Loures...



1. Um dos mais belos coches em talha dourada do Museu dos Coches, aquele que transportou o futuro Marquês de Abrantes na embaixada de Dom João V ao Papa Clemente XI
2. Diana Polignac de Barros e Miguel Horta e Costa
3. Sara e Francisco de Mendia
4. Arquiduque Karl Konstantin de Habsburgo, Emilia Fabien e Arquiduque Georg da Áustria, Príncipe da Hungria
5. Condes de Matosinhos com João e Maria de Cortez Lobão
6. Eduardo Nazaré Costa, com Maria, João e Beatriz de Cortez Lobão





7. Marqueses de Lavradio
 8. Alexia e Nicolas de Poligny
 9. Um pormenor do cocktail, bastante alusivo ao local
 10. Bruno Walter Pedrosa João e Princesa Leopoldina do Liechtenstein
 11. O Infante Dom Miguel de Bragança, Duque de Viseu, com Maria do Carmo Sanches de Baena e Condessa Maria Leredana degli Ubet
 12. Grã-Duquesa Maria Vladimirovna da Rússia

Dom Duarte de Bragança, como descendente e representante das dinastias que reinaram em Portugal, cuidou sempre de se identificar com os valores da integridade e da independência nacional: serviu no então Ultramar, colaborou na resistência à Esquerda radical no PREC, e depois do fim do Império, sempre se dedicou ao espaço CPLP, entendendo que a independência nacional na amálgama europeia, dependia muito da valorização histórica e política da língua e da cultura lusófonas. Daí o seu empenhamento com a causa da independência de Timor e as suas muitas visitas aos PALOP.

E Dom Duarte pode contar, nos últimos trinta anos, com uma colaboradora-chave, com quem criou uma exemplar família portuguesa e que tem sido uma activista das boas causas – de Deus, da Pátria e da Família – a Senhora Dona Isabel de Bragança.

Jaime Nogueira Pinto

O Senhor Dom Duarte de Bragança é um exemplo notável de abnegação e patriotismo, na defesa da herança dos seus maiores.

José de Bouza Serrano



13.



14.



15.



16.



17.



18.



19.

13. Princesa Hélène d'Orléans e Francisco Sottomayor Quinta

14. Príncipes Dom Rafael e Dona Maria Gabriela de Orléans e Bragança

15. Princesa Isabelle d'Orléans, Duque de Bragança, Princesa Diana, Duquesa de Cadaval, Duque d'Arenberg e Condessa Maria Leredana degli Ubeti

16. Princesa Dorothée e Príncipes Pierre e Sylvia d'Arenberg

17. Símbolos da monarquia, símbolos de Portugal

18. Dom Duarte Pio de Bragança com a Condessa Irina zu Stolberg-Stolberg

19. Duques de Angoulême e os filhos, os Príncipes Thérèse e Pierre d'Orléans

Não sei por que razão simpatizo e lhe quero muitíssimo bem desde sempre... desde que tenho consciência de saber o que ele é e o que representa... nada mais nada menos que Portugal. Portugal todo, e todos os portugueses, "todos, todos, todos" como com muita emoção ouço e sinto o muito querido e saudoso Papa Francisco exortar na JMJ2023.

Vi-o pessoalmente, muito menino, várias vezes, ao longe, muito longe, na minha terra natal, Leça do Balio, sede primeira da Ordem de Malta em Portugal. Em torno do dia de S João aconteciam lá as investiduras de cavaleiros da Ordem de Malta... e em algumas delas, eu, menino, via o Rei.

Obrigado, senhor Dom Duarte, senhora Dona Isabel, obrigado a toda a nossa Família Real pela responsabilidade que transportam... quanto ao futuro... a Deus pertence... pelo sonho é que vamos... dizia o sadino Sebastião da Gama... e eu tenho saudades do futuro como dizia Teixeira de Pascoaes...

Obrigado a Deus pelos 80 anos do senhor Dom Duarte de Bragança.

Cardeal Dom Américo Aguiar

Não tenho a menor dificuldade, como republicano convicto, em reconhecer que o Senhor Dom Duarte de Bragança ama profundamente a nossa Pátria comum, Portugal. E tem procurado ao longo da sua vida e com elevação servi-la o melhor que pode. Também por isso lhe deixo aqui com estima pessoal os meus sinceros parabéns.

João Barroso Soares



20. Princesa Sophie e Príncipe Georg Friedrich da Prússia com Princesa Alexandra Kohary
21. Arquiduquesa Milona de Habsburgo
22. Os Marquesses Bernard e Stéphanie de Baden com o filho, Leopold de Baden
23. Duques de Castro com as filhas, as Princesas Maria Carolina e Maria Chiara de Bourbon e Duas Sicílias
24. Os Duques de Bragança com Rita Dargent, directora do Museu Nacional dos Coches e Alexandre Pais, presidente dos Museus e Monumentos de Portugal
25. Marques de Fronteira, Condes de Avintes, Condessa de Sabugosa e Arquiduquesa Marie-Christine de Habsburgo
26. José Nelson com Diane e Manuel de Herédia
27. Arquiduquesa Catalina de Habsburgo com os filhos, os Condes Nicolo e Rodolfo Secco d'Aragona
28. Princesa Leopoldine com os pais, os Príncipes Gundakar e Marie do Liechtenstein e o noivo, Bruno Walter Pedrosa João



Fotos © Nuno de Albuquerque



29. Príncipe Louis do Luxemburgo com o Duque de Croÿ e o Príncipe Carl-Philipp de Croÿ
 30. Jorge Champalimaud Raposo de Magalhães, Princesa Clementine, Princesa Alexandra Kohary, Princesa Giovanna e Príncipe Luís Kohary
 31. Arquiduque Johannes de Habsburgo, Princesa Maria de Borbón y Dos Sicilias e Bianca Carrelli Palombi
 32. Bernardo e Ana Barahona com os filhos Mafalda, Constança e Duarte Barahona
 33. Princesa Sophie da Prússia, Condessa Teresa de Schönborn-Wiesentheid, Princesa Gloria von Thurn und Taxis e Arquiduquesa Katharina d'Áustria-Este
 34. Arquiduquesa Maria Beatrice de Habsburgo, Condessa von und zu Arco-Zinneberg, com o Arquiduque Karl-Christian de Habsburgo
 35. Infante Dom Dinis de Bragança, Elisabeth de Orléans e Bragança Martorell com Ricardo Girão, Isabel Holstein Girão e Núria de Orléans e Bragança Martorell



Jantar de gala no Palácio do Correio-Mor

As celebrações dos 30 anos de casamento dos Duques de Bragança e o aniversário de S.A.R. Dom Duarte Pio terminaram com um jantar de gala no Palácio do Correio-Mor, em Loures, mas antes os convidados tiveram oportunidade de ver, ouvir e dançar com o grupo etnográfico Alegria do Minho.

Sábado ao final da tarde, 17 de Maio, em Loures, o sol ainda estava forte. Começavam a chegar ao Palácio do Correio-Mor os primeiros convidados. Todos (e foram cerca de 300) iriam passar pela passadeira vermelha que engalanava a enorme fachada do edifício e que os conduzia ao jardim.



1.



2.



3.



4.



5.

1. O Palácio do Correio-Mor, em Loures, o local escolhido para a festa dos Duques de Bragança
2. O Rancho Folclórico Alegria do Minho
3. A tenda no meio do jardim onde decorreu o jantar
4. A Duquesa de Bragança e a Duquesa de Coimbra foram as primeiras a aceder ao convite do grupo para dançarem
5. Patucha, a responsável da Festa Aluga, a empresa responsável pela decoração da tenda
6. No final da actuação, os Duques de Bragança agradeceram ao grupo que animou os convidados



6.

A melhor recordação que guardo dalgumas décadas de serviço à causa real é o sentimento demonstrado por milhares de pessoas, monárquicos ou não, de simpatia e dedicação para com o Senhor Dom Duarte que, fruto do seu exemplo de serviço, identificam como Rei dos Portugueses.

Tomás A. Moreira

Não é preciso ser-se monárquico - como não sou - para reconhecer na vida do Senhor Dom Duarte de Bragança a permanente disponibilidade para estar junto dos portugueses, a dedicação ao nosso destino colectivo e a ligação a todos os lugares no mundo onde se fala português. Os cidadãos empenhados na vida pública ganham com o seu exemplo.

Sebastião Bugalho



Ali, entre os buxos, de desenho francês, iria ser servido um cocktail. As bebidas, os salgadinhos e as frutas eram apenas o pretexto para todos se reencontrarem. O bom tempo continuava e encantava os estrangeiros, que se sentem sempre impressionados pelo nosso clima ameno. Mas também não faltam



7.



8.



8.



10.



12.



11.

7. Ana e Bernardo Barahona
8. Sara e Francisco de Mendia
9. Marqueses de Fronteira

10. Condes de Matosinhos
11. João e Maria de Cortez Lobão
12. Céline e Carlos Moedas, presidente da Câmara Municipal de Lisboa



13.

13. Elisabeth e Núria de Orléans e Bragança Martorell

Num tempo de egos, ruído e volatilidade, discreto e sereníssimo, sem trono, mas sempre régio, o Senhor Dom Duarte deu-se ao país, ao bom, ao belo e ao justo: fiel ao essencial, constante no serviço, pleno de dignidade, honrou a herança, honra Portugal.

Pedro Gomes Sanches

Conheço o Senhor D. Duarte há muitos anos. É afável, bem-disposto, com sentido de humor. Foca-se muito em Portugal, nos portugueses e na Lusofonia. Tem especial carinho por Timor, porque sente a grandeza dos pequenos. Nos discursos do 1.º de Dezembro, saúdo-o assim: “Senhor Dom Duarte, em cuja pessoa saúdo as três dinastias portuguesas – a Afonsina, a de Aviz e a de Bragança – e toda a História de Portugal”. É enorme aquilo que corporiza. A sua missão não é fácil. Salta à vista a dedicação, a fidelidade e a serenidade com que a cumpre. Muito obrigado

José Ribeiro e Castro



14.



15.



16.



17..



18.

14. Duques de Bragança: uma fotografia para assinalar os 30 anos de casamento e os 80 anos de vida de Dom Duarte Pio
15. Príncipe Louis do Luxemburgo
16. A Família Real: Duques de Coimbra, Duque do Porto, Duques de Bragança e Príncipe da Beira
17. Os três irmãos Bragança e o Duque de Coimbra
18. Duques de Coimbra

convidados portugueses, amigos e familiares dos Duques de Bragança.

Segredo revelado

Os mais curiosos não quiseram perder a oportunidade e foram descobrir as salas do palácio, que está decorado, no interior, com vários azulejos originais, estuques de Giovanni Grossi e pinturas de José da Costa Negreiros. A construção é do século XVIII, da autoria do arquiteto Antonio Canevari, e é uma das quintas mais sofisticadas dos arredores de Lisboa.

O palácio deve o seu nome a Luís Gomes da Matta, que recebeu do rei Filipe II, o título de correio-mor, ou seja, o responsável pela administração de todos os serviços postais do reino. Foi este o local escolhido pelos Duques de Bragança para encerrar os festejos de um fim-de-semana especial, mostrando, assim, aos primos estrangeiros, um dos segredos melhor preservados de Lisboa. Lá fora, os convidados começam a juntar-se por pequenos grupos, até que entra no jardim um grupo etnográfico.

Enaltecer as tradições

As roupas típicas do grupo e os instrumentos musicais não deixavam margem para dúvidas. Ia haver uma actuação. É então que a Família Real se junta e é a vez de entrar em cena o Rancho Folclórico Alegria do Minho. Os convidados começam todos a gravar o momento com os telemóveis. Tocam várias músicas, até que o porta-voz do grupo convida a Duquesa de Bragança e a filha para se juntarem a eles. Dona Isabel e Dona Maria Francisca de Bragança mostram, sem complexos, os seus dotes e são muito aplaudidas. Juntam-se depois o Príncipe da Beira, o Infante Dom Dinis e o Duque de Coimbra e até o Duque d'Arenberg quis dançar, mostrando-se feliz por experimentar as tradições portuguesas. A Grã-Duquesa Maria Vladimirovna da Rússia seguia entusiasmada o momento, os Príncipes da Prússia também.

No final das atuações, o grupo disse ter sido uma honra estar nesta festa e os Duques de Bragança agradeceram, igualmente, e explicaram que o pretendido foi enaltecer o folclore e a música típica portuguesa.



Para mais tarde recordar

Depois, Dom Duarte Pio e Dona Isabel deixaram-se fotografar junto a uma fonte de repuxo no jardim. A fotografia do casal ficará para a História como uma lembrança de uma noite especial, aquela em que celebravam de forma solene duas datas tão importantes: as três décadas de casamento e os 80 anos do Chefe da Casa Real.

Ali ao lado já estavam prontos para uma nova fotografia os três filhos e o genro do casal. Dom Afonso de Santa Maria repetia, feliz, “o orgulho” que sente pelos pais. Dom Dinis, dizia: “é isto que gostamos de mostrar aos amigos” e a Infanta Dona Maria Francisca mostrava-se sempre atenta e carinhosa para com os pais, que considera “um modelo”.

À medida que o tempo passava, e a noite começava a surgir num céu limpo e estrelado, os convidados aproximavam-se da tenda. As Princesas Maria Carolina e Maria

Chiara de Bourbon e Duas Sicílias, verdadeiras estrelas do Instagram, também querem fazer fotografias na fonte. Encontram o Príncipe da Beira e fazem um retrato juntos. Surgem depois os Príncipes de Arenberg e ouvimos a Princesa Sylvie a falar português assim como a Princesa Gloria von Thurn und Taxis. Vários Arquidukes de Habsburgo encaminham-se para a tenda, o jantar estava prestes a começar.

À luz de centenas de velas

Os últimos convidados no jardim percebem que a tenda tem um ambiente mágico, acentuado por centenas de velas. A decoração do espaço foi da responsabilidade de Patucha, da Festa Aluga. O chão revestido a verde e as mesas com toalhas encarnadas foram realçadas com o serviço de mesa da Vista Alegre, desenhado por Oscar de la Renta e que é um grande sucesso em toda a Europa.



19.



20.



21.



22.

19. Princesa Gloria von Thurn und Taxis

20. Princesa Hélène d'Orléans e Francisco Sottomayor Quinta

21. A Grã-Duquesa Maria da Rússia

22. Arquiduque Martin da Áustria-Este com os Arquidukes Milona, Andreas e Arquiduquesa Marie-Christine de Habsburgo



23. Príncipes Philippe e Isabelle do Liechtenstein

24. Princesa Diana, Duquesa de Cadaval, Princesa Isabelle d'Orléans e Duquesa Claudine de Cadaval

25. Maria do Carmo Sanches de Baena e o Infante Dom Miguel de Bragança, Duque de Viseu



24.



25.



No ano em que se celebram oito décadas de serviço abnegado a Portugal do Senhor Dom Duarte de Bragança, é com grande satisfação que me associo às celebrações de tão importante marco.

Gostaria de destacar o apoio inestimável do Senhor Dom Duarte de Bragança para a afirmação da Lusofonia, na qual se inclui, evidentemente, o oceano como um dos seus espaços naturais. Com efeito, o oceano é um dos mais importantes elos que une a Lusofonia e deve ser cada vez mais central na cooperação entre os Estados e Regiões que a integram, causa da qual o Senhor Dom Duarte de Bragança tem sido o mais incansável defensor e que será, indiscutivelmente, um dos seus maiores legados.

Vasco Becker-Weinberg

Senhor Dom Duarte de Bragança,

É para mim uma honra poder dirigir-me a si numa data tão especial para felicitá-lo pelo seu octagésimo aniversário.

Espero que saiba que nutro pela Senhora Dona Isabel e por si profunda estima e é por isso uma enorme alegria juntar a minha voz à de tantos que os acompanham nesta celebração.

Muitos, muitos parabéns.

Katia Guerreiro



Fotobiografia Dom Duarte de Bragança “Ao Serviço dos Portugueses”



2025

**Reserve já
o seu exemplar**

A By the Book prepara a publicação de uma fotobiografia do Senhor Dom Duarte de Bragança, a lançar este ano, numa edição bilingue, profusamente ilustrada e em capa dura. Garanta já o seu exemplar, e aproveite a campanha especial de pré-venda: 30 € por livro, com o porte postal nacional incluído — ou compre três por 80 €

Encomendas no site www.bythebook.pt



26. Príncipes da Prússia e Marqueses de Baden
27. Num autêntico fim de tarde de verão, o cocktail decorreu nos jardins no palácio
28. José Alberto e Dalila Sotto Mayor com a Princesa Gabrielle d'Arenberg e José Nelson



Os Duques de Bragança presidem à mesa principal, cujo nome era Dili. Aliás, as mesas tinham nomes ligados a territórios da diáspora portuguesa, entre os quais destacamos Diu, Arzila, Luanda, Rio de Janeiro, Macau, Malaca, Goa, Moçambique ou S. Tomé. O jantar, em *buffet*, foi da autoria da Quinta da Taipa.

A noite terminou com um discurso do filho primogénito do casal, em inglês, que foi pontuado por várias notas de humor, e houve ainda um baile. A música e a diversão não faltaram. Os Duques de Bragança, como anfitriões, quiseram partilhar a sua alegria com a família e os amigos de tantas nacionalidades e fizeram-no deixando em todos o sentimento de que a felicidade se constrói com valores e... amizade!

Enquanto Chefe do Gabinete do então Ministro dos Negócios Estrangeiros e Nobel da Paz, Dr. José Ramos-Horta, tive o privilégio de testemunhar a dedicação, o envolvimento emocional e o empenho constante do Senhor Dom Duarte de Bragança. Marcou a vida de muitos timorenses e foi marcado por eles. Espero que o seu legado humanista possa inspirar os que sonham e reforçar as convicções dos que se obstinaram em cumprir e em cumprirem-se nas causas justas que abraçam, mesmo quando estas parecem impossíveis. Bem-haja!

Sónia Neto

Quanto tempo são 80 anos? - 8 décadas? - 16 lustros? - 960 meses? - 29220 dias? No caso do Chefe da Casa Real de Portugal, legítimo sucessor da Coroa Nacional - e que, precisamente por isso, não é pretendente a nada - ele é, no presente, o portador exemplar de um testemunho multissecular projectado rumo ao futuro. Os oitenta anos de Sua Alteza Real o Senhor Dom Duarte, celebrados no pretérito dia 15 de Maio, dois dias depois da data em que se festeja o trigésimo aniversário do Seu casamento com a Senhora Dona Isabel, representam, por conseguinte, uma dádiva a todos os Portugueses. É então com o mais sentido reconhecimento que estes lhe dizem PARABÉNS SENHOR, PARABÉNS! PARA BEM, SENHOR!

Paulo Teixeira Pinto



29.



30.



31.



32.



33.



34.



35.



36.

29. Princesa Maria de Borbón y Dos Sicilias, Arquiduquesa Simeon da Áustria
30. Maria Cunha e Sá
31. Diane e Manuel de Herédia
32. Princesa Galitzine e Arquiduquesa Maria Beatrice de Habsburgo, Condessa von und zu Arco-Zinneberg
33. Maria João e Nuno Pinto de Magalhães com João Pinto Ribeiro
34. Os convidados a ver os seus lugares nas mesas, todas com nomes ligados à diáspora portuguesa
35. Diana Polignac de Barros e Miguel Horta e Costa
36. Diana, Luís, Alexandra e Luís Vaz Pinto



37.



38.



Fotos © Nuno de Albuquerque

39.

37. Os Arquiducos da Áustria Karl Konstantin, Ildiko e Sophia com o pai, Georg de Habsburgo, Príncipe da Hungria
38. A mesa foi decorada com serviço da Vista Alegre, desenhado por Oscar de La Renta
39. Princesa Maria Carolina de Bourbon e Duas Sicílias Príncipes Pierre e Sylvia d'Arenberg e Princesa Maria Chiara de Bourbon e Duas Sicílias
40. O Marquês Leopold com os pais, os Marqueses Stéphanie e Bernard de Baden
41. Maritxell Molné e Roger Rossell
42. Sir Adrien e lady Sally Bradshaw



40.



41.



42.



43. Patrick e Anna Tigerschiola

44. Barbara de Partago

45. Constança Barahona, Anna Zetzoerner, Marie-Louise Hohenbüchel, Alexandre de Biolley, Maroussia Loots e Pauline Hochberg

46. Maria, Princesa-mãe zu Castell-Rüdenhausen, e Condes Paulo e Damiana de Schönborn-Wiesentheid

Quando, nos anos oitenta, se repetiam as violações dos direitos humanos em Timor, foi do Chefe da Casa Real Portuguesa que se ouviram as primeiras denúncias. Foi dele também que partiram as primeiras exortações para que o Governo de Portugal representasse a causa daquele povo irmão nos fóruns internacionais em que o nosso país participava. Foi também ele um dos primeiros a chamar-nos a atenção para o valor estratégico da língua portuguesa e do seu potencial para o desenvolvimento do país, sobretudo na sua vocação atlantista.

José Tomaz Castello Branco

Na celebração dos oitenta anos da vida do Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança, e Chefe da Casa Real de Portugal, é causa de grande alegria e agradecimento para todos nós, o seu espírito de missão e exemplo de dedicação a Portugal.

São muitos os portugueses que sentem o Senhor Dom Duarte como símbolo de Portugal, da diáspora e da pátria lusitana, pelo exemplo de dedicação às causas que abraça, pela firmeza e convicção na defesa do património e dos valores históricos, culturais e religiosos que caracterizam Portugal e os portugueses, e pela dignidade que coloca na preservação da herança que recebeu dos Seus gloriosos antepassados, Suas Majestades os Reis e as Rainhas de Portugal.

Que Deus abençoe e guarde o Senhor Dom Duarte.

António Calheiros Ferraz



Foto Camilla de Bourbon



Fotos © Nuno de Albuquerque

47. João e Helena de Noronha
48. Rita Pereira Coutinho e Joaquim Biancard Cruz
49. Príncipes Camilla e Carlo de Bourbon e Duas Sicílias, Duques de Castro
50. Condessa Teresa de Schönborn-Wiesentheid e o filantropo Daniel K. Thorne
51. Teresa de Herédia e conde Bernard von Oppersdorf
52. Santiago e Mercedes Ibarra, Condes El Abra, Embaixador José de Bouza Serrano e Luís Pinto Coelho

Ao longo de décadas de lealdade para com o Senhor Dom Duarte, testemunhei um homem de nobre carácter e humildade, inteiramente dedicado à Pátria.

Em Portugal, é considerado reserva moral pela coerência da Fé e pelo testemunho do melhor do povo português e da nossa História. A sua família é respeitada onde quer que esteja.

Em países lusófonos ou geografias de influência portuguesa, o seu serviço incansável, discreto e diplomático é valorizado, mesmo em situações complexas como a independência de Timor, sempre zelando pela identidade lusa com inteligência.

Internacionalmente, relaciona-se com naturalidade tanto com os mais simples quanto com Chefes de Estado e Casas Reais. É exemplo de caridade, responsabilidade e justiça. Busca soluções e consensos. Expressa o seu pensamento com conhecimento fundamentado.

Tem na Senhora Dona Isabel uma digna aliada. Os seus filhos, especialmente Dom Afonso, seguem os seus passos, continuando a missão confiada há 900 anos à Família Real.

Obrigado, Senhor Dom Duarte. Deus o guarde!

João Cortez de Lobão



Cunha
Coutinho
SAÚDE

Recupere o sorriso com segurança!

Sabia que os implantes dentários são a melhor solução para substituir dentes perdidos?



DENTES NO MESMO DIA!



cunhacoutinhosaude.pt



Entre em contacto

218 499 966

Av. Guerra Junqueiro 21, 4º Esq.
Praça de Londres, LISBOA

Dom Duarte de Bragança – Peregrino do Oriente Português

CARLOS LEITÃO CARREIRA

Tive já a oportunidade de apoiar e/ou acompanhar S.A.R. em algumas das suas deslocações na Ásia. Vamos aqui revivê-las muito sucintamente.

“Desde 1975 e nos momentos mais difíceis em que a luta pela independência não era falada, nem comentada pelos meios de comunicação internacionais, S.A.R. Dom Duarte de Bragança, foi um dos maiores activistas em prol da causa timorense, advogando desde cedo o direito à auto-determinação do Povo timorense. Foram inúmeras as campanhas em que se envolveu, de onde se destacam a campanha “Timor 87 Vamos Ajudar” e em 1992 a campanha que envolveu o navio “Lusitânia Expresso. (...) Importa igualmente sublinhar o papel fundamental que S.A.R. Dom Duarte de Bragança teve no apoio às comunidades timorenses que foram acolhidas em Portugal. Desde cedo, partilhou alegrias e angústias com uma população que, em virtude dos diversos problemas que ocorreram no conturbado período pós-descolonização em Portugal, esteve muitos anos esquecida e entregue a si própria.”

O texto acima é um excerto da Resolução do Parlamento Nacional de Timor-Leste n.º 12/2011 de 8 de Junho, através da qual foi feita a “atribuição da Nacionalidade a S.A.R. Dom Duarte de Bragança, por Altos e Relevantes Serviços Prestados a Timor-Leste e ao seu Povo.” A Resolução foi assinada pelo, então, Presidente do Parlamento Nacional, Fernando La Sama de Araújo, entretanto falecido. Timor-Leste não atribuiu esta honra muitas vezes desde a sua independência, reservando-a àqueles que, de facto, por algum motivo e de alguma forma se entrosaram com a história e com a população timorense.

Para quem tenha já tido a honra de privar com S.A.R., não é novidade o seu enorme apreço e voluntarismo para com os povos que outrora se ligaram a Portugal por laços culturais, históricos e de sangue. A conversa flui e viaja, naturalmente, por paragens longínquas que o nosso Príncipe conhece como poucos. E desengane-se quem pensar que as suas deslocações se cingem aos salões de monarcas e presidentes, às sessões solenes, condecorações e jantares de gala. Muito pelo contrário. O Senhor Dom Duarte viaja regularmente, por sua iniciativa e com sacrifício pessoal do seu conforto e saúde, quantas vezes sozinho e sem qualquer tipo de apoio institucional, com o propósito único de se encontrar com o Povo e suas associações locais, para visitar áreas recônditas onde sinta que Portugal tenha uma dívida de apoio e de consolo, ou pelo menos de respeito e reconhecimento, para honrar. Fá-lo numa manifestação de altruísmo e humildade como raramente se vê nos homens públicos dos nossos dias. Tive já a oportunidade de

apoiar e/ou acompanhar S.A.R. em algumas das suas deslocações na Ásia. Vamos aqui revivê-las muito sucintamente

Reunião do Senado Liurai, em Baucau, Timor-Leste – 09 de Agosto de 2014

No Verão de 2014, toda a Família Real rumou a Oriente, com passagem por Bangucoque e Bali, para ir a Timor-Leste participar num raro encontro do Senado Liurai, na cidade de Baucau. O Senado Liurai é o encontro geral dos chefes dos diversos reinos tradicionais de Timor-Leste. Fazendo jus aos seculares votos de lealdade aos reis de Portugal, estes chefes reuniram-se em Baucau para prestar os seus cumprimentos à Família Real, numa cerimónia cultural de significado profundo, que juntou várias centenas de pessoas e pretendeu reafirmar a união destas famílias em torno do



desenvolvimento de Timor-Leste, no respeito pelas identidades e tradições ancestrais. Na ocasião, o Príncipe Dom Afonso foi simbolicamente investido “liurai”, com os trajes tradicionais correspondentes, tendo tido, juntamente com os Infantes, a oportunidade de confraternizar com a comunidade local.

Oferta do Sino de Malaca – 22 de Novembro de 2015

Oferecido à comunidade do Bairro Português de Malaca pela Fundação Gulbenkian e trazido cerimonialmente pelo Navio-Escola Sagres, em 1985, o antigo sino havia sido irremediavelmente danificado num acidente, não querendo a comunidade fundir de novo a peça, optando antes por guardá-la no museu do bairro, pelo valor histórico que representa. Aquela comunidade, fruto das políticas de casamentos mistos promovidas por Afonso de Albuquerque a partir de 1511, recorreu a S.A.R. o Senhor Dom Duarte de Bragança, no sentido de receber um novo sino para as cerimónias culturais da comunidade. Em poucos meses, S.A.R. conseguiu mobilizar os recursos necessários para que um novo sino fosse produzido em Braga e logo depois trazido até Malaca, decorado com as armas reais e um verso de Camões. Uma verdadeira obra de arte dos mestres que Portugal



ainda conserva. A 22 de Novembro de 2015, numa cerimónia religiosa com a participação de toda a comunidade do Bairro, o novo sino foi inaugurado num pequeno campanário localizado na Praça de S. Pedro, tendo como convidado de honra o Duque de Bragança.

Oferta de imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição em Banguecoque – 11 de Junho de 2017

Outra comunidade luso-descendente que contou com a presença de S.A.R. foi a comunidade dos bairros católicos da capital tailandesa, Banguecoque.

No dia 11 de Junho de 2017, S.A.R. chegava a uma Igreja da Imaculada Conceição em festa, onde o esperavam algumas dezenas de famílias, cada uma empunhando orgulhosamente uma pequena tabuleta contendo o respetivo apelido herdado dos seus avós de antanho: Pereira, Horta, da Silva, Rodrigues... São os descendentes dos comerciantes que demandaram o antigo reino do Sião, logo após a conquista de Malaca, em busca de novos negócios, e dos soldados mercenários que se propunham servir aqueles monarcas, então sediados na capital Ayuthaia, na luta contra reinos vizinhos inimigos. Na ocasião, S.A.R. teve a oportunidade de oferecer àquela paróquia uma imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, segurando o Menino Jesus ao colo, inteirando-se, também, das condições daquela comunidade, por sinal, perfeitamente integrada, desde sempre, na sociedade tailandesa.



Oferta de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima à Igreja de Valaichchenai – 03 de Março de 2019

Outro episódio que atesta esse ânimo resolutivo foi a visita de S.A.R. à comunidade dos Burghers Portugueses, na costa leste do Sri Lanka. Na

sequência de algumas missivas trocadas com o Bispo de Batticaloa, Dom Joseph Ponniah, houve finalmente a possibilidade de uma deslocação ao antigo Ceilão, onde, também aí, subsiste, resiliente, uma comunidade católica de origem portuguesa, que mantém, orgulhosamente, um conjunto de tradições e práticas quotidianas que remontam ao séc. XVI. S.A.R. levou consigo uma imponente imagem de Nossa Senhora de Fátima, destinada à Igreja da cidade de Valaichchenai, cuja oferta decorreu na Missa do dia 03 de Março de 2019, perante uma comunidade emocionada e a orar no antigo crioulo português. Nessa visita, S.A.R. teve a oportunidade de assistir a alguns momentos culturais, com danças e cantares que remontam ao tempo da presença dos portugueses na ilha, bem como de participar em encontros com a comunidade, que lhe permitiram inteirar-se das circunstâncias desafiadoras que esta comunidade, em particular, enfrenta regularmente. Na sequência desta visita, foi já possível a deslocação de um grupo cultural dos Burghers a Portugal, para participar em festivais de folclore.

“Em suma, o Senhor Dom Duarte de Bragança assume e vive intensamente uma certa ideia de Portugalidade que muitos injustamente esqueceram, mas que, no entanto, subsiste.

Recepção do Prémio do Património para a Paz, em Macau – 20 de Fevereiro de 2024

Na sua mais recente visita a Macau, o Duque de Bragança recebeu o “Prémio do Património para a Paz”, por parte da Fundação Sino-Phil Asia International, como reconhecimento pelo seu contributo para a autodeterminação do povo de Timor-Leste e na normalização das relações entre a Indonésia e Timor-Leste. Na ocasião, S.A.R. teve oportunidade de integrar a Procissão de Nosso Senhor do Bom Jesus dos Passos, acompanhado pelo filho, Infante Dom Dinis, uma tradição com mais de 4 séculos de existência e que reúne a população luso-descendente de Macau.

Participação na Conferência das Comunidades Luso-Asiáticas - 2016 e 2025

No ano de 2016, a comunidade do Bairro Português de Malaca conseguia alcançar o feito de juntar, numa conferência internacional, e pela primeira vez, representantes das diversas comunidades luso-asiáticas que subsistiram ao longo de 5 séculos. Um evento impressionante, que assumiria enorme visibilidade institucional e justa atenção por parte de diversos órgãos de comunicação internacionais. Nesse ano, e perante a impossibilidade de S.A.R. se deslocar a Malaca, o evento contou com uma representação da Fundação Dom Manuel II, enquanto parceiro da organização através do seu apoio institucional e promoção do evento. No ano de 2025, e por iniciativa do

Governo de Timor-Leste, terá lugar, em Díli, a 4ª edição da Conferência das Comunidades Luso-Asiáticas, entre os dias 27 e 29 de Junho. S.A.R. foi formalmente convidado pelo Primeiro-Ministro Xanana Gusmão, a fim de tomar parte naquele evento, justamente pelo papel que vem desempenhando, quer junto destas comunidades, quer junto do povo de Timor-Leste ao longo das últimas décadas. S.A.R. confirmou a sua participação no evento, acompanhado pelo Príncipe da Beira, Dom Afonso, em mais esta visita ao país de que é, também, cidadão.



Em suma, o Senhor Dom Duarte de Bragança assume e vive intensamente uma certa ideia de Portugalidade que muitos injustamente esqueceram, mas que, no entanto, subsiste. Subsiste e revive no seio de um conjunto de comunidades espalhadas a Oriente, ao longo das antigas rotas marítimas navegadas pelos soldados e marinheiros portugueses. Ali se fixaram e constituíram família, os chamados “casados” que Albuquerque compensava pela disponibilidade de se ligarem a famílias locais e com elas popular os territórios estratégicos para o monopólio comercial da Coroa Portuguesa. Séculos passados, eles permanecem, leais e orgulhosos das suas origens, quase sempre na condição de minorias étnicas e religiosas, com todos os desafios e constrangimentos que isso comporta. Também por isso a acção de S.A.R. junto destas comunidades tem tanto impacto, revalidando essa ligação ancestral numa verdadeira celebração popular, que só um verdadeiro Príncipe sabe compreender e honrar.

Nota: Carlos Leitão Carreira nasceu em Lisboa em 1980 e vive em Díli, Timor-Leste, desde 2014. É assessor do Gabinete do Primeiro-Ministro Xanana Gusmão e apoia iniciativas culturais e de cooperação internacional, com destaque para o reforço dos laços entre as comunidades luso-asiáticas. Tem dedicado especial atenção à valorização do património histórico e das identidades lusófonas na Ásia, colaborando assiduamente com a Fundação Dom Manuel II.



Actividades da Real Associação do Porto

Real Associação do Porto homenageia os Duques de Bragança

A Real Associação do Porto, no mês de Maio, homenageou S.A.R. o Senhor Dom Duarte Pio e também SS.AA.RR. os Senhores Duques de Bragança pelas datas que celebravam, mas, principalmente, pelo Serviço que prestam a Portugal e aos Portugueses desde 1945 e de 1995, respectivamente.

Fê-lo juntando política e doutrina, com convívio e com cultura, aliás, baseando-se em princípios que enformam a Monarquia.

Foi apresentada por S.A.R. o Príncipe da Beira a reedição do Livro “A Liberdade Portuguesa” de Henrique Barrilaro Ruas, realizou-se um jantar em que participou a Família Real e se juntaram para a cumprimentar 110 associados e simpatizantes da RAP, a que se seguiu um Concerto, classificado de excelente, que juntou a Real Orquestra do Porto (projecto cultural da RAP) com o Coro dos Antigos



Orfeonistas da Universidade do Porto, que contou com a assistência de cerca de 250 pessoas.

Um programa cheio que teve lugar no dia 23 de Maio, no Mosteiro de Leça do Balio e onde a Fundação Livraria Lello foi parceira, integrando ainda uma visita ao espaço expositivo no âmbito deste evento.



SAR o Senhor Dom Duarte Pio de Bragança, o Rei dos Portugueses... Pessoa de enorme cultura e de saberes que advêm de vivências adquiridas em todas as partes do mundo, e que facilitam dar um conselho ou contar de uma história a propósito ou com o fim de enquadrar um tema.

Pessoa a quem a tradição e a herança que recebeu de 900 anos da história de Portugal dão uma responsabilidade que se sedimenta no pensamento que tem sobre o tempo contemporâneo e o futuro.

Pessoa de causas, onde Portugal, os portugueses, os descendentes das províncias ultramarinas e aqueles que na diáspora honram a nossa pátria, têm sempre lugar.

Pessoa de uma afabilidade ímpar, sempre preocupado em bem interagir com todos!

Paulo de Queiroz Valença



S.A.R. o Senhor Dom Duarte tem sido um exemplo de dedicação a Portugal, tendo cultivado sempre com a JMP uma relação próxima e inspiradora. Foi e é farol para a juventude sobre como servir o país com nobreza e sentido de missão tendo inspirado uma geração de jovens conscientes, patriotas, com os espíritos enraizados nas tradições, conhecedores da portugalidade e do ideal monárquico. Ao Rei de Portugal só temos a agradecer a juventude das ideias e a sapiência dos actos, o sentido de estado e a dedicação à Real causa.

Guilherme Morais Catita



Actividades da Real Associação de Lisboa

Roteiros Reais de Natal

No dia sete de Dezembro decorreu uma sessão natalícia dos Roteiros Reais: uma visita à Basílica da Estrela.

Esta visita, muito concorrida, que incluiu uma subida ao zimbório e onde foi dado a observar um dos mais majestosos presépios portugueses, atribuído a Machado de Castro, foi guiada pelo Embaixador Manuel Côrte-Real, responsável pela Missão do Património no Ministério dos Negócios Estrangeiros, e pelo associado Dr. Nuno Fernandes Thomaz diplomata no mesmo Ministério.



No dia 25 de Janeiro, decorreu mais uma sessão dos Roteiros Reais: uma visita inesquecível e participada à Igreja e Convento de Nossa Senhora da Encarnação, superiormente guiada pelo Embaixador Manuel Côrte-Real.

A origem da Igreja e Convento de Nossa Senhora da Encarnação remonta ao séc. XVII, reinado de Dom Filipe II de Portugal, na sequência da disposição testamentária da Infanta Dona Maria, filha de Dom Manuel, de criar um convento de religiosas da Ordem de São Bento de Avis, o qual veio a pertencer à ordem militar e não monástica, sob a invocação de N. S. da Encarnação. Foi em 1643 que na magnífica igreja do convento passou a funcionar a Irmandade das Escravas do Santíssimo, que granjeou a protecção das Rainhas e Princesas e à qual aderiram as senhoras da nobreza. É, portanto, uma irmandade com mais de 380 anos que nunca cessou de existir e de manter a devoção ao Santíssimo Sacramento até aos nossos dias.



III Jantar de Reis

Decorreu no dia seis de Janeiro, com a sala cheia, o III Jantar de Reis, encontro anual de convívio entre associados da Real Associação de Lisboa, que este ano contou com a participação do associado Dr. Nuno Fernandes Thomaz. O convidado especial cativou os comensais com uma brilhante prelecção sobre a celebração do Natal ao longo da história, não esquecendo a contribuição do Dom Fernando II, o Rei artista, que instituiu na corte portuguesa o costume da Árvore de Natal e do protagonismo das crianças nesta importante celebração cristã.



Não esquecemos o Regicídio de 1908

Na passagem de mais um ano sobre o trágico regicídio de 1908, a Real Associação de Lisboa cumpriu no dia 1 de Fevereiro o doloroso dever de mandar celebrar uma missa de sufrágio pelas almas de Sua Majestade El-Rei Dom Carlos I e de Sua Alteza Real o Príncipe Dom Luiz Filipe. A homenagem decorreu na Igreja de São Vicente de Fora, com a Celebração Eucarística a cargo do Reverendo Padre Gonçalo Portocarrero de Almada e a presença dos Duques de Bragança, do Duque do Porto e do Duque de Viseu, além das significativas representações das Ordens de Malta, do Santo Sepulcro e de Nossa Senhora de Vila Viçosa, Constantiniana de S. Jorge e numerosa assistência.

Visita à Igreja e Convento de Nossa Senhora da Encarnação

Lançamento de Deus Pátria Rei, uma homenagem a Jacinto Ferreira

Decorreu no dia 14 de Fevereiro ao final da tarde no Grémio Literário, com a honrosa presença do Príncipe da Beira Dom Afonso de Santa Maria, o lançamento do livro “Deus Pátria Rei, uma antologia de textos de Jacinto Ferreira, editado pela Chancela “Razões Reais”. Este constituiu uma merecida homenagem da Real Associação de Lisboa (RAL) e da família do autor, ao prestigiado académico, veterinário, político e publicista monárquico, fundador do jornal “O Debate” que foi



entre 1951 e 1974 o maior jornal monárquico e a única publicação de teor político tolerada pelo Estado Novo.

Para este evento ocorreu numeroso público que encheu o salão reservado para o efeito, tendo a sessão, dirigida pelo presidente da RAL João Távora, sido iniciada com umas palavras de boas-vindas por parte do Presidente do Grémio Literário Senhor Dr. António Pinto Marques, às quais se seguiram as intervenções de José Mendonça da Cruz, editor e organizador da obra; dos Senhores Drs. José Miguel Sardinha e Rafael Ferreira, respectivamente neto e filho do homenageado, tendo a sessão sido encerrada com uma alocução do Senhor Professor Manuel Braga da Cruz, o prefaciador da antologia.



**À venda em
reallisboa.pt**
e na sede da RAL

Faça já a sua encomenda!



REAL ASSOCIAÇÃO DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Decorreu no mês de Abril em Mogadouro o evento “Mogadouro Templário” organizado pela Real Associação de Trás-os-Montes e Alto Douro com a presença de S.A.R. o Senhor Dom Duarte. Este evento pretendeu homenagear esta cidade e o seu castelo templário assim como estes homens temerários que desempenharam um papel crucial na Reconquista Cristã e na defesa do nosso território.

Esta iniciativa, que decorreu de 25 a 27 de Abril, contou com palestras sobre o tema, exposição temática, uma pequena

feira medieval e um jantar muito concorrido onde a presença e as palavras do Senhor Dom Duarte, que nos serviram de estímulo, foram muito apreciadas por todos os presentes.



REAL ASSOCIAÇÃO DE VISEU

Peregrinação e Consagração dos Duques de Coimbra à Nossa Senhora da Lapa

No Dia de Portugal, 10 de Junho, S.A. a Infanta Dona Maria Francisca de Bragança e seu Marido, o Senhor Dr. Duarte de Sousa Martins, Duques de Coimbra, realizaram um acto de profunda devoção ao consagrarem-se a Nossa Senhora da Lapa, em Sernancelhe, o primeiro santuário mariano da Península Ibérica.

Esta celebração histórica, que perpetua a ligação da Casa Real de Bragança à Virgem Maria, foi presidida por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Lamego. Um momento de fé e tradição que reflecte a espiritualidade

portuguesa!

Organizado com empenho pela Reitoria do Santuário da Lapa, Município de Sernancelhe, pela Real Associação de Viseu, o evento contou com a presença de representantes das Ordens de Malta, do Santo Sepulcro de Jerusalém, Constantiniana de São Jorge (ramo espanhol) e da Irmandade Militar de Nossa Senhora da Conceição de Lamego, e do Senhor Dr. Nuno Pombo, Presidente da Direcção da Causa Real.

Um dia de união, devoção e celebração da nossa história!



REAL ASSOCIAÇÃO
DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO
UM POVO, UMA PÁTRIA, UM REI.

Dedicação. Amor. Abnegação. São talvez as três primeiras palavras que me ocorrem quando penso na pessoa do Senhor Dom Duarte. Alguém que sente a Nação, que tem um ideal, o verdadeiro representante do sentir português. Personifica a riqueza da nossa história e é o garante da nossa independência e da nossa cultura.

Maio é o seu mês. Oitenta anos de vida, trinta anos de casamento. São 80 anos de amor ao seu país e 30 anos de um casamento exemplar. Só podemos deixar uma palavra: obrigado pelo exemplo.

Francisco Mendes Marques

A história do Grupo de Forcados Amadores de Santarém cruza-se muitas vezes com a dos Duques de Bragança, sendo justo destacar a Corrida de Gala à Antiga Portuguesa de dia 11 de Maio de 1995, organizada em Sua honra e por ocasião do respectivo casamento que se celebraria daí a dois dias, como um dos momentos mais significativos. Foi uma noite muito especial para o Grupo de Santarém e para a tauromaquia nacional, e de grande carinho em torno da Família Real, que ainda hoje vive na memória de todos os que nela participaram ou assistiram no Campo Pequeno ou que a viram através da televisão.

Passados trinta anos do casamento de SS. AA. RR. os Duques de Bragança e oitenta do nascimento do Senhor Dom Duarte, o Grupo de Santarém deseja-lhes as maiores felicidades e agradece o muito que fazem quotidianamente e de forma abnegada pela representação e defesa de Portugal, da sua cultura e das suas tradições.

Francisco Graciosa

Homenagem da Câmara Municipal de Sintra a Dom Duarte de Bragança



A Real Associação de Lisboa (RAL) uniu esforços com a Câmara Municipal de Sintra (CMS) no seu propósito de distinguir S.A.R. Dom Duarte de Bragança, Chefe da Casa Real Portuguesa, homenageando o distinto munícipe pelos oitenta anos da sua vida ao serviço de Portugal e da cultura. O acontecimento teve lugar no dia 29 de Maio na Quinta da Regaleira e contou com a presença dos Duques de Bragança, bem como do presidente da Câmara Municipal de Sintra, Basílio Horta e do presidente da RAL, João Távora.

O ponto alto da cerimónia foi o descerramento dum pedestal com uma inscrição sobre a efeméride



colocado junto a uma *Araucaria columnaris*, uma árvore de grande significado histórico, plantada em 1840 pela Viscondessa da Regaleira. O encontro solene culminou com um *brunch-convívio* proporcionado pela CMS aos Duques de Bragança assim como aos associados da RAL e demais convidados presentes.

XXVIII Congresso da Causa Real: uma nova etapa de uma vida longa

No dia 24 de Maio de 2025 reuniu em Fátima o XXVIII Congresso da Causa Real, tendo nele participado numerosos delegados, representantes das diferentes Reais Associações.

Neste encontro foram eleitos os novos corpos sociais da Causa Real para o triénio 2025-2027. Foram apresentadas várias moções sobre o futuro do movimento monárquico, que suscitaram interesse e vivo debate.

Apresentou-se à eleição uma única lista, encabeçada por Nuno Pombo, que mereceu a aprovação de uma muito ampla maioria. A moção de estratégia sufragada pelo Congresso assenta em três pilares: a organização

interna, a formação política e a comunicação. Esta identificou ainda dois desafios prementes: as eleições presidenciais e o processo de revisão constitucional.

O XXVIII Congresso inaugura uma nova etapa da já longa vida da Causa Real, uma sequência natural da dedicação com que todos os membros dos anteriores órgãos sociais se entregaram à defesa dos valores que nos mobilizam.

S.A.R. o Senhor Dom Duarte, Duque de Bragança, encerrou os trabalhos.

A Direcção da Causa Real conta com a colaboração de todos os monárquicos!



XXVIII Congresso da Causa Real


Direção	
Presidente	Nuno Pombo
Vice-Presidente	João Vacas
Secretário Geral	Francisco da Cunha Matos
Tesoureiro	Diogo de Bragança Mascarenhas Cassiano Neves
Vogal	Francisco Caiado Ferreira
Vogal	Filipa Arnaut Pereira Campos
Vogal	José Maria Tavares de Almeida
Vogal	Luís Miguel Barata
Vogal	Nuno de Albuquerque Gaspar
Mesa do Congresso	
Presidente	Vasco Soares da Veiga
Vice-Presidente	André Pereira da Silva
Secretário	Luís Miguel Gagliardini Graça
Secretário	Gonçalo Norton Lages
Conselho Superior	
	Joaquim Costa e Nora
	Miguel Cabral Moncada
	Aline Gallasch-Hall du Beauvink
	Rosa Morais Sarmento
	António Eduardo Hargreaves Macedo Rabaça Carvalho
	José Adolfo da Costa Azevedo
Conselho de Jurisdição	
Presidente	Mafalda Miranda Barbosa
Efetivo	José Manuel Castro
Efetivo	António Malheiro de Magalhães
Efetivo	Nuno Cardoso Dias
Efetivo	João Maciel Embaixador
Suplente	Fernando Jorge Pereira de Lima
Suplente	Pedro Paiva Araújo
Suplente	Nuno Miguel Barata Figueira
Conselho Fiscal	
Presidente	Sérgio Rau Silva
Vogal	Pedro Felner Pinto
Vogal	João de Quintanilha Mendonça
Conselho Monárquico	
	Alexandre Guilherme Barroso de Matos Franco de Sá
	Nuno Pinto de Magalhães
	José Cortez de Lobão
	António Manuel Filipe Rocha Pimentel
	António Carlos Dias Borges Taveira
	José Manuel Cornélio da Silva
	Paulo Jorge da Conceição Vitorino
	José Maria Pereira Coutinho
	João Neto de Saldanha Oliveira e Sousa
	João Gomes Firmo Ferreira de Almeida
	Telmo de Noronha Correia
	Rodrigo Moita de Deus
	João José Brandão Ferreira
	Artur da Câmara Machado
	Álvaro da Silveira Marçal Barba de Menezes
	Sebastião de Sá-Marques

Marquês de Rio Maior in memoriam

No dia cinco de Maio foi Deus Servido Chamar à Sua Divina Presença o Senhor Eng. Dom João Vicente de Saldanha de Oliveira e Sousa, Marquês de Rio Maior.

Importante militante monárquico, o Marquês de Rio Maior, ocupou vários lugares de responsabilidade no movimento, nomeadamente na Real Associação do Ribatejo, no Conselho Monárquico da Causa Real e como Chanceler da Real Ordem de São Miguel da Ala.

Grande-Oficial da Real Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, Dom João Vicente de Saldanha nasceu em Lisboa a 23 de Julho de 1930, sendo casado, pai de quatro filhos e avô de onze netos.

Formou-se em Agronomia e cedo se dedicou à actividade agrícola, primeiro na zona de Alcobaça e actualmente na Azinhaga e no Alentejo. Foi funcionário do Ministério da Agricultura em Santarém e Director da Estação Nacional de Fruticultura de Vieira Natividade, em Alcobaça, de que se reformou na década de noventa.

Continuou ligado ao movimento associativo, sendo presidente da Assembleia-Geral da Agrotejo - União Agrícola do Norte do Vale do Tejo e Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Azinhaga, onde residiu quarenta e três anos na sua casa de família.

Que descanse em Paz.



Instagram : A Família Real nas Redes

8 de Abril

Suas Altezas Reais os Duques de Bragança estiveram presentes no jantar oferecido por S.E. o Presidente da República, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, em honra da Senhora Presidente da República da Índia, Droupadi Murmu, por ocasião da sua visita de Estado a Portugal. O jantar decorreu no Palácio Nacional da Ajuda, no dia 7 de Abril.



12 de Abril

O Senhor Dom Duarte procedeu à entrega do Prémio Marquês de Rio Maior para a Agricultura ao Engenheiro Agrónomo António Gonçalves Ferreira, Comendador do Mérito Agrícola, que teve uma vida dedicada à inovação na Agricultura, sendo defensor de uma revolução para a floresta portuguesa. A cerimónia decorreu no salão nobre da Câmara Municipal de Tomar.



14 de Abril

S.A.R. o Duque de Bragança esteve, com Teresa Passanha, da Fundação Santander Portugal, na cerimónia de entrega de prémios do “The Duke of Edinburgh’s International Award Portugal”, no Colégio St. Julians, a 10 de Abril, com mais de 150 alunos (nível Bronze, Prata e Ouro), com a presença das famílias, da Direção do Award Portugal e de um representante da Embaixada do Reino Unido.

22 de Abril

Suas Altezas Reais os Duques de Bragança assistiram à Missa que se realizou, no dia 21 de Abril, na Sé Patriarcal de Lisboa por alma de Sua Santidade o Papa Francisco, presidida por Dom Rui Valério, Patriarca de Lisboa



22 de Abril

S.A.R. o Senhor Dom Duarte de Bragança concedeu uma entrevista ao programa Praça da Alegria, da RTP, sobre Sua Santidade o Papa Francisco.



24 de Abril

S.A.R. o Duque de Bragança esteve presente na Missa do dia de S. Jorge na Igreja do Castelo de São Jorge, promovida pela Ordem Constantiniana de S. Jorge, do ramo do Duque de Calábria.



24 de Abril

O Chefe da Casa Real enviou uma carta de condolências ao Núncio Apostólico em Portugal, na sequência da morte do Papa Francisco, no dia 21 de Abril.



30 de abril

S.A.R. o Duque de Bragança esteve presente no evento Mogadouro Templário, uma organização da Real Associação de Trás-os-Montes e Alto Douro. O Senhor Dom Duarte foi recebido no Salão Nobre da Câmara Municipal de Mogadouro, na GNR e nos Bombeiros.

O Duque de Bragança esteve ainda presente no mercado medieval e numa palestra sobre os cavaleiros templários, uma ordem extinta e que em Portugal deu origem à Ordem de Cristo. Dom Duarte fez ainda uma alocução sobre a história e situação geral do nosso país na casa da Cultura.



8 de Maio

S.A.I.R. Dom Bertrand Chefe da Casa Imperial do Brasil, concedeu a Grã-Cruz da Ordem Imperial da Rosa a S. A. o Infante Dom Dinis de Bragança, Duque do Porto, em comemoração dos laços de parentesco e amizade entre os ramos brasileiro e português da Casa de Bragança. A cerimónia decorreu numa capela privada, em Pancas, com a presença das duas famílias reais e vários convidados. Dom Dinis é o terceiro membro da Família Real Portuguesa a receber a Ordem da Rosa, depois de seu pai e de seu irmão, Dom Afonso, Príncipe da Beira.

Esta é uma concessão de grande significado, uma vez que o Chefe da Casa Imperial Brasileira raramente concede a Ordem da Rosa. A Imperial Ordem da Rosa foi criada a 17 de Outubro de 1829, pelo Imperador Dom Pedro I, em

comemoração do seu casamento com a Imperatriz Dona Amélia de Leuchtenberg.



13 de Maio

Os Duques de Bragança celebraram os 30 anos de casamento, sendo celebrada uma Missa pelo Senhor Patriarca de Lisboa, na Basílica da Estrela. Foi a 13 de Maio de 1995 que S.A.R. Dom Duarte de Bragança, Chefe da Casa Real Portuguesa, e Dona Isabel de Herédia contraíram matrimónio, no Mosteiro dos Jerónimos, numa cerimónia histórica.



16 de Maio

No âmbito da celebração dos 30 anos do casamento dos Duques de Bragança e dos 80 anos do Duque de Bragança, a Escola Portuguesa de Arte Equestre efectuou, no dia 16 de Maio, uma exibição no Museu dos Coches, com a presença de representantes das Casas Reais europeias, com relações próximas de parentesco com os Duques de Bragança.

17 de Maio

No dia 17 de Maio, no Palácio do Correio-Mor, em Loures, realizou-se um jantar por ocasião dos 30 anos do casamento dos Duques de Bragança e pelos 80 anos do Senhor Dom Duarte, em que estiveram presentes família e amigos, nomeadamente membros das famílias reais europeias e também convidados portugueses.



24 de Maio

S. A. R. o Duque de Bragança esteve presente no encerramento do XXVIII Congresso da Causa Real, que se realizou no dia 24 de Maio, em Fátima, tendo sido eleita a lista liderada pelo Senhor Dr. Nuno Pombo.



18 de Maio

Deslocou-se a Portugal uma delegação ucraniana que ofereceu a S. A. R. o Duque de Bragança as primeiras caixas de uma edição especial de cerveja, produzida em Kiev, para celebrar os 80 anos do Senhor Dom Duarte de Bragança e em reconhecimento da ajuda humanitária à Ucrânia por ele patrocinada.



21 de Maio

O Duque de Bragança tornou público um comunicado sobre as eleições legislativas.

23 de Maio

S. A. R. o Duque de Bragança e S. A. R. o Príncipe da Beira estiveram presentes na apresentação da reedição do livro “A liberdade portuguesa”, de Henrique Barrilaro Ruas, que se realizou no Mosteiro de Leça do Bailio. O evento, organizado pela Real Associação do Porto, no dia 23 de Maio, contou ainda com um jantar convívio com a Família Real e com um concerto pela Real Orquestra do Porto (projeto cultural da Real Associação do Porto) em parceria com a Associação dos Antigos Orfeonistas da Universidade do Porto.

27 de Maio

Sua Alteza Real, o Duque de Bragança, recebeu na sua residência de Sintra a nova Embaixadora do Reino da Tailândia em Portugal, S. E. a Senhora Kanokwan Pengsuwan,. Durante o encontro, para cumprimentos, houve oportunidade para a troca de impressões sobre as relações entre os dois países. Este encontro reforça os laços de amizade seculares entre Portugal e a Tailândia.

Título: *Dicionário Crítico da Revolução Liberal (1820-1834)*

Coordenação: Rui Ramos, José Luís Cardoso, Nuno Gonçalo Monteiro e Isabel Correia da Silva

Edição: Publicações D. Quixote

Páginas: 1638 pp

A Revolução Liberal, um «Portugal Novo»

Vasco Rosa

Seria justificado — ainda que controverso, ou até agridoce — dizer que vale quanto pesa, porque o preço deste livro de incomuns 1638 páginas é deveras astronómico, 120€ (tiragens mínimas dá nisto, inevitavelmente, num país pequeno que lê pouco), mas a verdade é que estamos diante de uma obra charneira da historiografia portuguesa de Oitocentos, e nessa medida merecedora de figurar na estante — faltando apenas a parcimónia de se pouparem tais cobres, esquecendo uma garrafa de bom whisky e duas ou três bagatelas aqui e acolá. O empreendimento, gigantesco, mobilizou cerca de 70 autores, todos eles académicos, quase todos portugueses, para um efeito que teve como referência modelar assumida uma obra publicada em França em 1989. Os dois séculos passados em 2020 sobre o levantamento militar que deu origem ao que depois recebeu o nome de revolução liberal sugeriram este «estado da arte», que de algum modo vinha sendo amadurecido por assinalável bibliografia recente — a de quarenta anos a esta parte, como é dito na p. 11, mas com clara aceleração nos últimos quinze, sob impulso de alguns dos historiadores que organizam este Dicionário Crítico. Faltava, pois, esta visão caleidoscópica integrada em forma de balanço, legitimando novas perspectivas e abrindo para futuros debates. O Instituto de Ciências Sociais, da Universidade de Lisboa, e as Publicações Dom Quixote prestaram, sem dúvida, um bom serviço ao país.

O Dicionário organiza-se em seis capítulos, ou constelações temáticas, firmemente distintivos — 1) Acontecimentos; 2) Actores; 3) Ideias; 4) Instituições e dinâmicas sociais; 5) Intérpretes, memorialistas e historiadores; e 6) Comparações internacionais (como *last but not least*: «o contexto internacional é básico para compreender a revolução liberal portuguesa», p. 13) —, e contém índices onomástico e toponímico, que muito convêm a estes compêndios de estudo, e quantas vezes lhes faltam, e bibliografias essenciais no fim de cada ensaio interpretativo — expressão que os organizadores preferiram a verbete, para destacarem o carácter crítico do dicionário. Há também uma cronologia da «era das revoluções», de 1775 a 1848. É um livro para ser lido em pequenas doses, indo cada leitor de umas a outras obedecendo às suas próprias preferências, aceitando explorações e desvios

“Faltava, pois, esta visão caleidoscópica integrada em forma de balanço, legitimando novas perspectivas e abrindo para futuros debates.”



sugeridos por «Remissões», é certo, e esta breve notícia procede de igual modo, como não podia deixar de ser, e duplamente, porquanto quem isto escreve está bem longe de poder cumprir uma crítica em termos, e porque cada um de nós tem, sobre o passado histórico, curiosidades específicas, até de tipo profissional. José Manuel Sardica escreve sobre «Imprensa e Jornalismo», pp. 968-91, e foi de facto neste domínio da vida colectiva — «excepcional surto jornalístico» e «intenso debate

havido, em escritos de toda a espécie, [...] acerca da liberdade de expressão e de imprensa, suas virtualidades, riscos, limites e formas de consagração — que a revolução liberal

deixou para trás «o Portugal velho», a que se referiu Almeida Garrett. «Esta explosão jornalística era inteiramente nova e constituiu, só por si, uma revolução social, cultural, mental e até educacional que chegou a um sem-número de portugueses» (p. 970). E assim, «foi com o vintismo, e no vintismo, que o jornalismo começou a revelar a centralidade que viria a assumir ao longo de toda a história do século XIX português», e os jornais e os impressos afins «tornaram-se uma força real, que os políticos não podiam desprezar e cujo poder e alcance começavam agora a descobrir» (pp. 976-77). «Mesmo que ainda publicados com uma aparência gráfica livresca, os jornais pós-1820 exibiram e popularizaram uma retórica de liberdade, esclarecimento, emancipação, participação e cidadania novas,

fazendo sobressair, no universo dos homens das letras, do conhecimento, da oratória e da acção a figura dominante do jornalista, ou do periodista» (p. 988; *italico meu*). E tanto assim foi, que «não pôde evitar ver também florescer [...] uma importante imprensa e corrente de opinião contra-revolucionária e absolutista, medrando à sombra das liberdades que ela mesma impiedosamente atacava» (p. 977), de que José Agostinho de Macedo (1761-1831), com a sua adjectivação «abundante e dura», foi a figura central; um dos seus jornais tinha um título esmagador — A Tripa Virada.

Miguel Figueira de Faria escreve sobre o pintor Domingos Sequeira (1768-1837), cujo «itinerário ideológico», de colaboracionista trabalhando para Junot até «primeiro responsável pela imagem do regime» e ao final o «exílio programado», representa o tempo em que lhe foi dado viver, com obras inacabadas por decisão ideológica, desafiando a historiografia da arte a fixar «o verdadeiro lugar de Sequeira e dos artistas em geral na esfera pública e na hierarquia dos heróis do liberalismo» (p. 1359). Ou seja, «o breve período do vintismo não deixou para a posteridade um núcleo de obras suficiente para estabilizar uma arte militante proporcional à importância política do movimento, deixando por preencher o espaço intuído pelas criações inacabadas idealizadas por Sequeira» (p. 1368).

Rui Ramos assina 16 entradas («Liberalismo», em parceria com Nuno Gonçalo Monteiro), entre as quais «Monarquia». «A forma monárquica do Estado nunca esteve em causa a partir de 1820, nem teria sido

provável que isso pudesse ter acontecido, numa Europa «legitimista», onde as monarquias restauradas em 1815 estavam garantidas pelas grandes potências,

e numa monarquia intercontinental como a portuguesa, onde a lealdade do Rei era um factor de unidade entre vários territórios. O novo regime constitucional não atenuou a veneração pública do Rei, e garan-

tiu o financiamento da Corte através da «lista civil». O que representava politicamente que a monarquia passou, porém, a ser discutida» (p. 1058). A «constitucionalização da monarquia» (1820-23) não liberalizou a monarquia, antes «democratizou o absolutismo» (p. 1062), adoptando fórmula para o caso francês tornada célebre. Em contrapartida, a «monarquização da Constituição» (1826-28), e a concepção do poder moderador como poder neutro, diz o historiador, «seria completamente desfigurada em Portugal», pelos «preconceitos dos liberais contra a “massa ignorante” da nação, sempre pronta [...] a aclamar “tiranos”» (p. 1065), «pela apropriação liberal do Poder Real», tornando «poder de excepção para defesa do regime» (p. 1067; v. tb. p. 1070), ou «poder discricionário de emergência» (p. 1071), o que «rebaixava o Poder Real [moderador] ao nível do Poder Executivo», e inversamente, elevava o Executivo ao Real. «As condições de instalação do domínio liberal no país — conclui Ramos — fizeram perder essa distinção na monarquia constitucional portuguesa, e sujeitaram-na assim desde o princípio ao risco previsto por Benjamin Constant» (p. 1072).



Rui Ramos assina 16 entradas («Liberalismo», em parceria com Nuno Gonçalo Monteiro), entre as quais «Monarquia».



Reis, Aristocratas e Burgueses. O mundo das cartas privadas (Portugal, séculos XVII-XX)

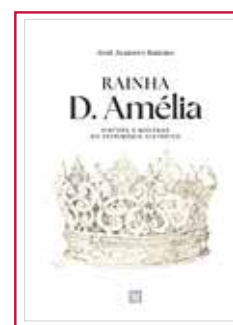
Coord. Isabel Drumond Braga e Paulo Drumond Braga, Lisboa: Colibri, 2024, 326 pp.



Um feixe de estudos de caso que demonstram - a partir de conjuntos epistolares salvaguardados - a importância de cartas e bilhetes para o estudo das sociabilidades e da vida quotidiana, identificando práticas e hábitos em diferentes escalas sociais quanto a habitação, alimentação, vestuário, lazer, hábitos de leitura, etc.

Rainha Dona Amélia, pintora e mecenas do património histórico de José Alberto Ribeiro

Edições Caleidoscópio, 192 pp. Apoio da Fundação da Casa de Bragança e de outras instituições.



Dez anos depois de ter participado na exposição itinerante e no livro «Tirée par ...». A Rainha Dona Amélia e a fotografia, José Alberto Ribeiro — director do Palácio Nacional da Ajuda e do Museu do Tesouro Real — prossegue no digníssimo encargo de dar a conhecer Dona Amélia de Orléans (1865-1951), publicando esta síntese da sua tese de doutoramento em História da Arte, defendida em 2024, e que nos oferece, no actual contexto político do país, uma oportunidade de avaliação de contrastes, que certamente não buscou mas aí está à disposição de quem vê e pensa. A não perder, de facto.



**INTENSAMENTE INGLESA
DELICIOSAMENTE DISTINTA**

EXPERIMENTE!



NÍVEL DE INTENSIDADE



HOT & ENGLISH SINCE 1814